

pandava

ପାନ୍ଦା ହେଠାରିଆ ଦେଶ ମନ୍ଦିର

UM VERSO ENIGMÁTICO DA *BHAGAVADGITA*

O que é o *Karma*, segundo H.P. Blavatsky

O Sonho de *Ravana* e as doenças da alma

As origens e o significado dos *mantras*

Yoga: a Ciência da Alma

CONTEÚDOS

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>3 UM VERSO ENIGMÁTICO DA <i>BHAGAVADGITA</i>
 – José Carlos Fernández
 <i>Director da Nova Acrópole em Portugal</i></p> <p>7 NOTAS SOBRE A <i>BHAGAVADGITA</i>
 – Jorge Angel Livraga
 (1930 - 1991)</p> <p>10 O QUE É O <i>KARMA</i>?
 – Helena Petrovna Blavatsky
 (1831 - 1891)</p> <p>20 O SONHO DE RÂVAÑA E AS DOENÇAS DA ALMA
 – José Carlos Fernández</p> | <p>24 A ORIGEM E O SIGNIFICADO DOS <i>MANTRAS</i>
 – Ricardo Louro Martins</p> <p>30 YOGA: A CIÊNCIA DA ALMA
 – G. R. S. Mead (1863 - 1933)</p> <p>35 LIÇÃO DE BUDA SOBRE O TAMANHO DOS ÁTOMOS
 – José Carlos Fernández</p> <p>39 MAJJHIMA NIKAYA 58: <i>ABHAYARAJAKUMARASUTTA</i>
 – Do Sutta Pittaka</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Propriedade e direitos:



Revista organizada por voluntários da
Organização Internacional Nova Acrópole - Portugal

Director: **José Carlos Fernández**
 Director Adjunto: **Ricardo Louro Martins**
 Design: **Cristhiano Guglielmin**

Web: www.revistapandava.pt
 Email: geral@revistapandava.pt



Cena da Bhagavadgita. Arjuna pede instrução a Krishna.

UM VERSO ENIGMÁTICO DA BHAGAVADGITA

Por José Carlos Fernández

A Bhagavadgita (literalmente "Canção do Mestre") é um dos grandes clássicos da literatura universal e da filosofia. Ela aparece num dos livros^[1] do Mahabharata, o grande épico Hindu, obra monumental e de ensinamentos sublimes dentro da tradição Védica, atribuída ao sábio Vyasa.

Na verdade, o nome Vyasa significa “compilador” e não sabemos quem é o autor. É inclusivamente difícil datar cronologicamente tanto o Mahabharata quanto a Bhagavadgita, e talvez tenham sido trabalhos independentes, tendo sido o segundo incluído no primeiro. O Mahabharata narra a morte de Krishna e o começo do Kaliyuga, devendo, por isto, ser posterior a 3.102 a.C.^[2]

Além disto, assim como a Ilíada, preservou-se por via oral por um período indefinido, sendo escrito somente a partir do século V a.C. O Mahabharata, como a própria Bíblia, é um compêndio de diferentes livros, de diferentes épocas, e talvez alguns sejam muito mais velhos do que imaginamos.

O Mahabharata pertence ao que é chamado de “tradição”, smriti (memória), mas a Bhagavadgita, com 18 livros e 700 versos, embora faça parte dela, é chamada de Upanishad e incluída na “revelação santa” (shruti), tal como os próprios Vedas.

H.P. Blavatsky, no final do século XIX, disse que estes textos devem ser “lidos” usando-se sete chaves de interpretação diferentes (alquímica, psicológica, fisiológica, astronómica, histórica, matemática, etc.), motivo pelo qual é muito difícil sabermos o que os acontecimentos narram, se eles são histórico-factuais, processos de transformação da natureza, ou astronómicos... Os historiadores Ocidentais englobaram toda esta obra na categoria do “mito”, negando categoricamente a sua historicidade, como tinham anteriormente feito com a cidade de Tróia, a Ilíada e Odisseia. No entanto, a cidade de Dvaraka, na qual Krishna reinou, foi encontrada coincidentemente a Noroeste da costa da Índia, em 2001, fazendo-nos rever, assim, tudo o que pensávamos saber sobre esta saga formidável.

A *Bhagavadgita* é a jóia filosófica da Índia, que chegou ao Ocidente pela primeira vez com traduções para o Português. Shopenhauer elogiou-a e David Thoreau disse sobre ela:

“De manhã, banho o meu intelecto na estupenda e cosmogónica filosofia da Bhagavadgita, diante da qual o nosso mundo moderno e a sua literatura parecem ser insignificantes e triviais.”

Gandhi traduziu-a do Sânscrito e aprendeu-a de cor; H.P. Blavatsky introduziu-a nos textos que os seus discípulos tinham de estudar e meditar e em geral todos os membros da Escola Esotérica; Shri Aurobindo também fez uma tradução e comentou-a em vários dos seus estudos, e Vivekananda, entre outras centenas de filósofos e místicos, dedicou-lhe a sua atenção.

O próprio George Lucas foi inspirado pela *Bhagavadgita* e pelo *Mahabharata* para realizar o *Star Wars*, segundo disse o próprio em várias entrevistas, também incentivado pela filosofia e recomendações de Joseph Campbell, outro dos amantes deste livro. Na Organização Internacional Nova Acrópole, este é um dos livros que estudamos com assiduidade. A cena onde Arjuna, o principal herói deste magno poema, está no meio dos dois exércitos opostos (Kauravas e Pandavas), antes do início da guerra, é muito inspiradora. Arjuna representa a consciência humana nas grandes encruzilhadas, entre uma natureza divina e outra bestial que reclamam o seu espaço para viver nela.

De qualquer forma, o objectivo deste pequeno artigo não é o de mencionar a *Bhagavadgita* em geral, mas sim apenas um dos seus versos (*shlokas*), o 46º do segundo capítulo (Estância), o capítulo chamado “ensinamento esotérico”. Para vermos, assim, a grande dificuldade que muitas vezes temos em compreender estes textos em Sânscrito, quase todos eles metáforas, analogias e comparações de incrível profundidade.

Há dificuldade até em traduzi-los, porque a língua Sanscrita é muito sintética, quase matemático-conceptual, mais do que discursiva, e ao passá-la para as línguas actuais (embora façam parte do património Indo-Europeu), mutilamos muitas das alusões, ou temos de fazer circunlóquios longos, que no final, velam ou escondem mais do que esclarecem o significado original.

Literalmente, diz:

यावनर्थं उदपानेसर्वतः सम्प्लुतोदके ।
तावान्सर्वेषु वेदेषु ब्राह्मणस्यविजानतः ॥ 46 ॥

yāvānartha udapānesarvatāḥ samplutodake
tāvānsarveṣu vedeṣubrāhmaṇasyavijānataḥ

yāvān – tudo isso; arthāḥ – tem por finalidade; uda-pāne – num poço de água; sarvatāḥ – em todos os aspectos (ou desde - por, em direção a - todas as partes); sampluta-udake – num grande lago; tāvān – tantos, de modo similar; sarveṣu – todos; vedeṣu – Vedas; brāhmaṇasya – do homem que conhece o Supremo Brahman (que alcançou a iluminação); vijānataḥ – quem tem completo conhecimento.

Na *Bhagavadgita* traduzida por Ramacharaka, que consultou muitas versões para fazer um texto unificado em Inglês, o yogi Ocidental vê-se obrigado a acrescentar explicações prévias como primeiro parágrafo:

“Assim como a água que flui de uma fonte cheia para um vaso de acordo com a forma e capacidade de cada um, assim os ensinamentos espirituais não proporcionam senão a parte que cada qual é capaz de receber conforme o grau da sua evolução.

Para o Brahmane iluminado, os Vedas são tão proveitosos como se a sua mente fosse um vaso capaz de receber toda a água de uma fonte inesgotável.”

Na versão de Annie Besant, discípula de H.P. Blavatsky e directora da Sociedade Teosófica desde 1907 até à sua morte, em 1933:

“Tão proveitosos são os Vedas para o Brahmane iluminado, quanto a água de um lago cheio até a borda.”

Na edição da Nova Acrópole de Espanha, que faz um compêndio de várias:

“Para um sábio dotado de visão espiritual, os Vedas têm tanta utilidade como um poço que foi coberto por uma inundação.”

Na de Shri Aurobindo, um dos grandes filósofos e místicos do século XX:

Arjuna escolheu Krishna para ser o condutor do seu carro.



“Há tanta utilidade nas águas de um poço que as águas de uma inundação o cercam por toda parte, quanta a que existe em todos os Vedas para o Brahmane que possui o conhecimento.”

Swami Mukundananda traduz assim:

“Tudo aquilo para que serve um pequeno reservatório de água serve em todos os aspectos um grande lago. Do mesmo modo, aquele que alcança e comprehende a Verdade Absoluta também cumpre o propósito de todos os Vedas.”

Na tradução de Swami Prabhupada, no seu “Bhagavad Gita, tal como ele É”:

“Todos os propósitos que cumpre um pequeno poço, podem cumpri-los imediatamente um grande depósito de água. De igual modo, todos os propósitos dos Vedas podem ser cumpridos por aqueles que conhecem o propósito por detrás deles.”

É muito audaz esta afirmação do “Bhagavad Gita, tal como ele É”, porque se o compararmos com as palavras em Sânsrito, uma por uma, esta é uma das mais “livres” e imprecisas de todas as traduções. Ademais, o comentário feito pelo autor não tem nada que ver, absolutamente nada, com a máxima. Que seja a Bhagavadgita que está em mais casas Ocidentais não significa, nem nada que se lhe aproxime, que seja a melhor. Na minha opinião, é a versão mais dogmática, estreita de pensamento e menos filosófica de quase todas as que conheço. Literalista e rígida, dentro do

devocional (*bhakti*), um perigo, pois, por natureza, o devocional deve ser fluídico e versátil, como o próprio movimento da água que corre, ou da chama que se eleva no céu. A versão que foi divulgada “à martelada”, mesmo que entregue gratuitamente, não a torna numa versão menos sectária, ficando longe de uma interpretação lógica e natural do texto.

Na versão de Gandhi, que além de traduzir adiciona-lhe comentários:

“Na medida em que um poço é útil quando uma inundação o invade todo, na mesma medida os Vedas são úteis para um Brahmane que possui conhecimento.”

Na tradução de Adiyen Nasanudasan

“Para o Brahmane que conhece o Ser, os Vedas são de um uso semelhante ao de um lago cheio para uma pessoa sedenta.”

Na tradução de A. Mahadeva Shastri:

“A mesma utilidade que existe num lago, se o compararmos com uma inundação de água que se espalha por toda parte, a mesma (utilidade) existe em todos os Vedas para um Brahmane iluminado.”

Destacamos, como exemplo, entre os comentários, o do grande Ramanuja (1077-1157), de caráter devocional [3]:

“Nem tudo o que é ensinado nos Vedas é oportuno para ser praticado por todos. Um lago que transborda em água é construído para todos os tipos de propósitos, como a irrigação, etc. A pessoa sedenta irá usar apenas o que lhe é necessário para matar a sede, e nunca tudo. Da mesma forma, um aspirante iluminado que busca a libertação, só levará dos Vedas aquilo que contribui directamente para a sua Libertação, e nada mais.”

De outra perspectiva, a do maior dos filósofos Vedânticos, Shankaracharya, no seu famoso comentário sobre a Bhagavadgita, analisando este verso diz:

“Qualquer que seja a utilidade – para tomar banho, beber ou algo do género – para o qual ela serve um poço, ou um tanque, ou muitos outros pequenos depósitos de água, todas essas utilidades são apenas, no máximo, as utilidades oferecidas por um fluxo de água que se estende por toda parte; isto é, a utilidade do primeiro está incluída na do segundo. Do mesmo modo, qualquer utilidade que exista no ritual Védico está incluída na utilidade do recto conhecimento de um Brahmane que renunciou ao mundo e conquistou totalmente a verdade em relação à Realidade Absoluta; sendo, nesta comparação, tal conhecimento a água que transborda por toda parte. O shruti disse: ‘Tudo o que de bom as pessoas fazem, tudo isso é possuído por alguém que sabe o que ele (Raikva) conhece’. O mesmo pode ser dito aqui. Deste modo, a um homem que está destinado para o trabalho é necessário realizar trabalhos (que estão aqui no lugar dos poços e tanques de água), antes que ele esteja apto para a senda do conhecimento”.

As dificuldades em traduzir estes textos deixa-nos claro que estas máximas são diamantes facetados que irradiam luz-verdade em muitas direcções, e que cada um entende aquela para o qual está preparado, ou que está mais em concordância com a sua natureza intima.

De todas estas interpretações, eu tomarei um texto do professor Jorge Angel Livraga (1930-1991), que embora não seja nenhuma referência explícita à Bhagavadgita, pode acertar, como uma flecha, no alvo com o significado interno deste shloka. Na sua “Oração do Discípulo” ele diz:

“Senhor, dá-me uma gota do teu entendimento, que será para mim como um mar através do qual navegarei e alcançarei as costas com que sonho.” ▲

Notas

[1] Mais especificamente, no Bhismaparva.

[2] Mais especificamente, o início do Kaliyuga ou Idade das Trevas, data-se em 17 de Fevereiro de 3102 a.C., numa conjugação de seis dos nossos planetas no signo de Peixes. A sua duração é estimada de acordo com a cronologia Hindu em 432.000 anos.

[3] Comentário ligado à tradução de Aniyen Nasanudasan que aparece várias linhas antes.



Narayana como Krishna a entregar a Gita Upadesha a Arjuna. Wikipedia

NOTAS SOBRE A BHAGAVADGITĀ

Por Jorge Angel Livraga (1931 - 1991)

A Bhagavadgita faz parte do grande épico Hindu Mahabharata. Neste épico é narrada a luta entre dois grupos rivais que disputavam entre si a conquista da gloriosa cidade de Hastinapura.

É difícil de identificar exactamente quando é que a Bhagavadgita foi escrita, pois as opiniões sobre o assunto são muito diversas. Para alguns, a sua idade é de 5000 anos ou mais, e para outros, é reduzida para quatro ou dez séculos após a era Cristã. De qualquer forma, não importa especificar a idade desta obra, pois, em última análise, a sua Mensagem é tão antiga quanto o próprio Homem. Através das suas páginas, podemos encontrar não apenas a história do Homem como tal, mas a de todo o universo. Tudo o que existe encontra a sua explicação na Bhagavadgita.

Isto torna-se mais claro se procurarmos o significado etimológico da Bhagavadgita: o “Cântico do Senhor” ou o “Cântico do Mestre”.

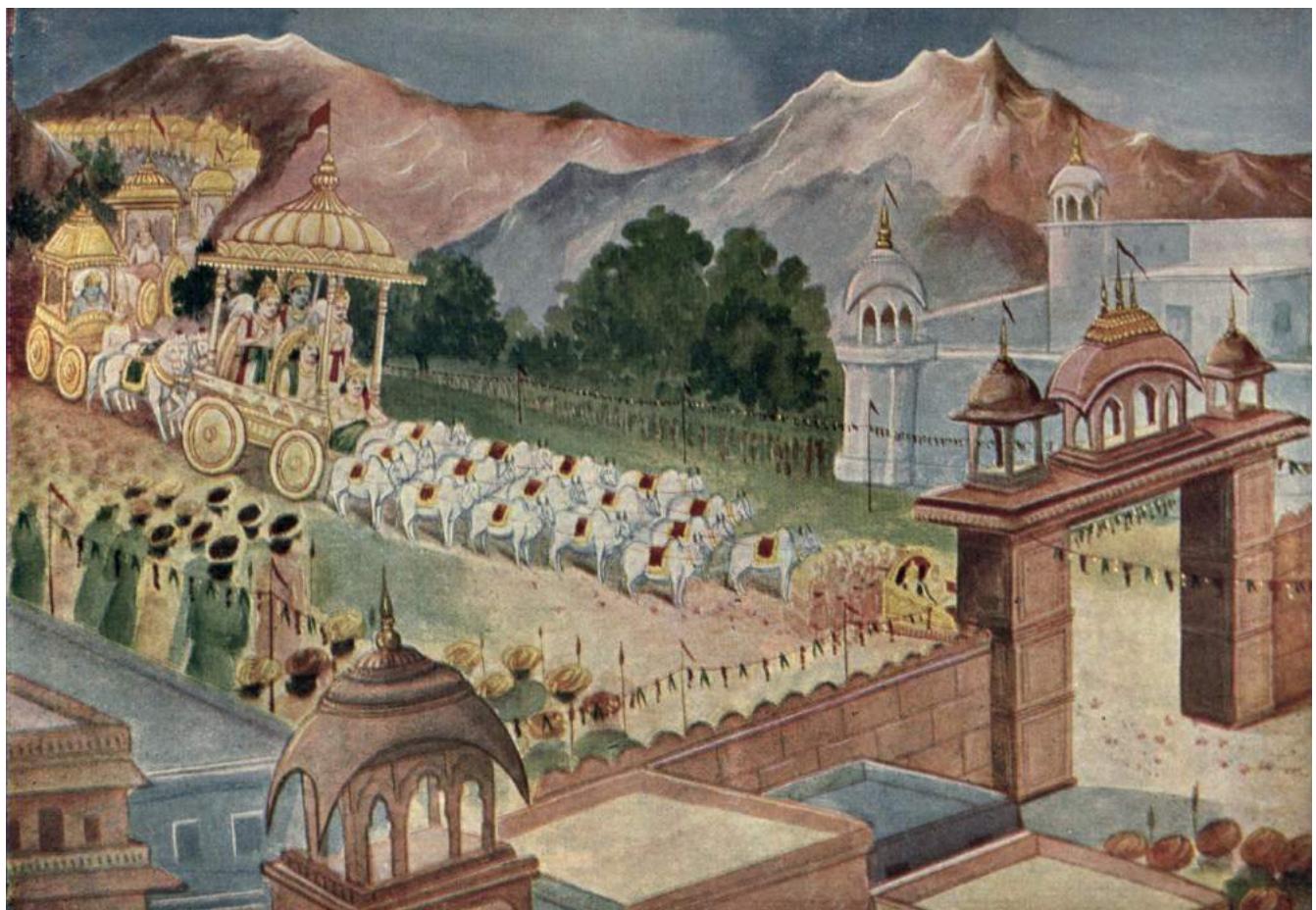
Entendemos por ‘Cântico’ aquelas palavras mágicas da

Divindade que, com o seu imenso fluxo de conhecimento, nos mostram o significado da vida. Esta música não é para os ouvidos externos; pois somente os ouvidos da alma podem percebê-la e voar com ela. Esta é a melodia perfeita que nos fala sobre a lei do mundo, e poder ouvi-la é começar a viver harmoniosamente de acordo com a lei.

À medida que mergulhamos mais profundamente nesta obra, a nossa atenção é atraída por cinco elementos simbólicos de especial importância.

A CIDADE DE HASTINAPURA

Também chamada de Cidade dos Elefantes ou Cidade da Sabedoria. O que representa esta cidade e por que motivo está relacionada com os elefantes e a sabedoria? Para responder a isto devemos recordar que os Orientais fazem uso de muitos símbolos e que após analisar o comportamento, a aparência, a conduta e os costumes do elefante, eles escolheram-no como um símbolo da Sabedoria.



Yudhishtira, o mais velho dos cinco Pandavas, chega a Hastinapura no final da guerra de Kurukshetra no épico Mahabharata. Wikipedia

Apesar da sua aparência grande e pesada, ele caminha devagar: tem tal sensibilidade que os seus passos não interferem no menor carreiro de formigas. Os olhos do elefante são pequenos, eles não se destacam em relação ao seu tamanho e, da mesma forma, no Sábio, a visão do mundo exterior pouco importa; mas quem poderá abranger o que os seus olhos internos vêem? As orelhas são grandes, acostumadas a ouvir muito, mas também a entender muito.

No entanto, quando aquele elefante gentil ouve na selva o grito da sua manada, não há obstáculo capaz de o deter: corre e arrasa tudo para se juntar à voz que o chama. É assim também que o Sábio funciona: quando a Voz Superior o chama para a elevação, não há obstáculos no mundo material que o possam retardar.

Sem dúvida, Hastinapura é a Cidade da Sabedoria: o Reino que todo o Homem acordado anseia e deve conquistar.

Essa é a única possessão do ser humano, porque não é uma sabedoria perecível ou fruto de uma cultura específica. É o Conhecimento Eterno que não muda com o tempo. É o que forma a essência de todas as coisas: ele nunca nasceu e também não morrerá.

OS KURUS OU KAURAVAS

Eles simbolizam a personalidade do Homem com os seus múltiplos defeitos. É a imagem do ser mundano, totalmente dividido na ânsia de responder às numerosas solicitações. Ele é o Homem que, tão preocupado com o que vê fora de si, se esquece de olhar para dentro. É aquele que perdoa os seus vícios porque se sente mais à vontade em não lutar contra eles. Ele é quem silencia, pela força, a voz da sua consciência, porque dói ser-se imperfeito, porque o incomoda aquilo que ouve; mas, ao mesmo tempo, sofre quando imagina qualquer esforço para se corrigir.

Esse conforto, essa inércia, são sinais de morte, porque se a cidade de Hastinapura, a dos altos ideais, não for conquistada, onde viveremos quando a personalidade morrer?

OS PANDAVAS

É a imagem de toda a humanidade. Cada um de nós trava, ou algum dia travará, a mesma batalha que Arjuna. Quem nunca sentiu o desejo de vencer? Quem não entendeu que esta superação é acompanhada de esforço e dor? Quem, em algum momento, não se assombrou perante esta perspectiva?

ARJUNA

Mentiríamos se disséssemos que nunca nos sentimos abatidos perante as dificuldades. Mas também mentiríamos se tentássemos convencer-nos de que é melhor não lutar. Há algo que nos faz sentir mais seguros, mais acompanhados: o saber que não estamos sozinhos na luta. Se nos virarmos e perguntarmos a quem está ao nosso lado, veremos que de maneira semelhante à nossa, esse ser também está a travar as suas batalhas.

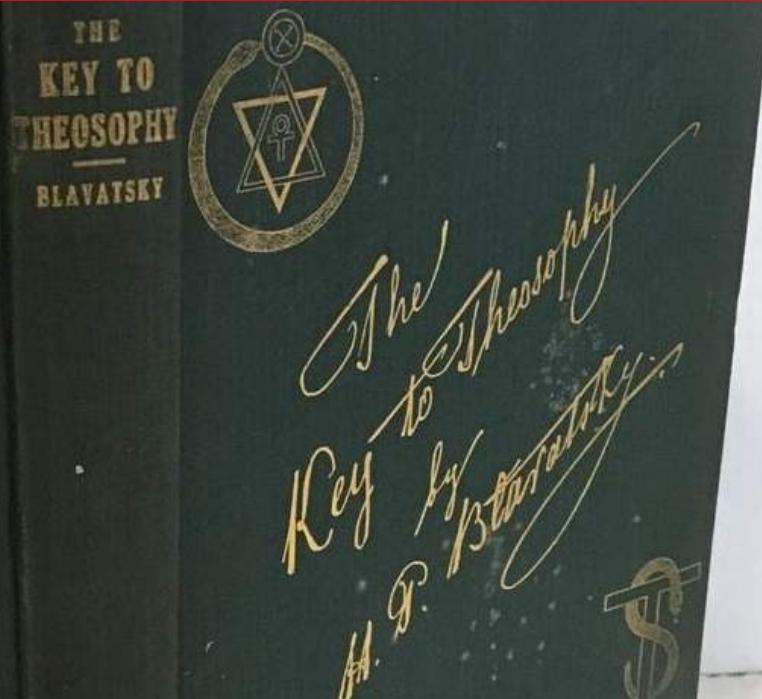
Sentir e saber que toda a Humanidade trabalha para a superação, é o maior incentivo que podemos ter para nos unirmos e a não perdermos um instante, porque uma fraqueza nossa poderia pôr em causa o trabalho do mundo.

E não vamos pensar apenas nos Homens. Já vimos uma planta crescer e observámos a paciência que uma flor precisa de ter até se abrir? Se toda a Natureza colabora no mesmo plano, o Homem, sendo dotado de razão e vontade, vai desistir? Não. Não vamos desanimar. A pequena derrota de um dia não significa a batalha perdida. A batalha é vencida dia após dia, semeando esforços, ganhando vida. O Homem, para ser chamado assim, deve ganhar este nome com trabalho. Não são Homens todos os que nascem, mas sim aqueles que se fazem a si mesmos. Não vamos pensar que estas são palavras vazias; também não acreditamos que se consiga alguma coisa aprendendo-as de cor: é necessário vivê-las. Sentir os “puxões” do que está acima e do que está abaixo diariamente, e ir traçando o caminho.

Seguir esta Voz significa levantarmo-nos com esforço das nossas próprias ruínas e reconstruirmo-nos, mas desta vez para cima. O Homem percebe o Divino e compadece-se da sua pobre condição humana, anula-a, reconstrói-a, aperfeiçoa-a, até que se assemelhe ao modelo proposto.

KRISHNA

Representa, na Bhagavadgita, a encarnação da Divindade Suprema, mas ele também é o Mestre, o conselheiro que abre o caminho a Arjuna. Possivelmente acreditamos que na rotina da nossa vida diária não encontraremos nenhum Krishna para nos ajudar durante a batalha, mas pensemos um pouco melhor: não vamos procurar um Krishna exterior, porque se aprendermos a conhecer o nosso Eu Superior, encontraremos o Grande Mestre. Como reconhecer o nosso Eu Superior? Quando nos tocam o coração palavras de amor, de arrependimento pelos erros, de total altruísmo; quando ouvimos palavras que nos envergonham por vivermos de forma tão antagónica a estas; quando tentamos afogar esta voz, porque pensamos que obedecer-lhe representa um sacrifício, então, este é o Eu Superior que nos está a falar. Sim, é sem dúvida difícil agir de acordo com a voz do altruísmo. É possível que no início da luta haja mais dores do que alegrias. Mas, no final deste caminho, a Felicidade Suprema espera-nos: sermos nós mesmos, permitirmo-nos caminhar na direcção desse Eu que é naturalmente capaz de percorrer o Caminho. 

Edição de 1952 do livro *A Chave da Teosofia*, de HPB

O QUE É O KARMA?

EXCERTO DO LIVRO *A CHAVE PARA A TEOSOFIA*, EDIÇÃO DA NOVA ACRÓPOLE

Por *Helena Petrovna Blavatsky*

INQUIRIDOR.: Mas o que é o Karma?

TEÓSOFO.: Como já lhe disse, nós consideramo-lo a Lei Última do Universo, a raiz, a origem e a fonte de todas as outras leis que existem por toda a Natureza. O Karma é a lei infalível que ajusta o efeito à sua causa, nos planos físico, mental e espiritual da existência. E como nenhuma causa deixa de produzir o seu devido efeito, da maior à menor, desde a perturbação cósmica até ao movimento da sua mão, e como tudo produz aquilo que lhe é semelhante, o Karma é aquela lei invisível e desconhecida que ajusta sábia, inteligente e equitativamente todo o efeito à sua causa, rasteando a última até ao seu produtor. Ainda que esta seja em si mesma incognoscível, a sua acção é perceptível.

INQ.: Portanto, este é, uma vez mais, o «Absoluto», o «Incognoscível», não constituindo uma mais-valia enquanto explicação para os problemas da vida.

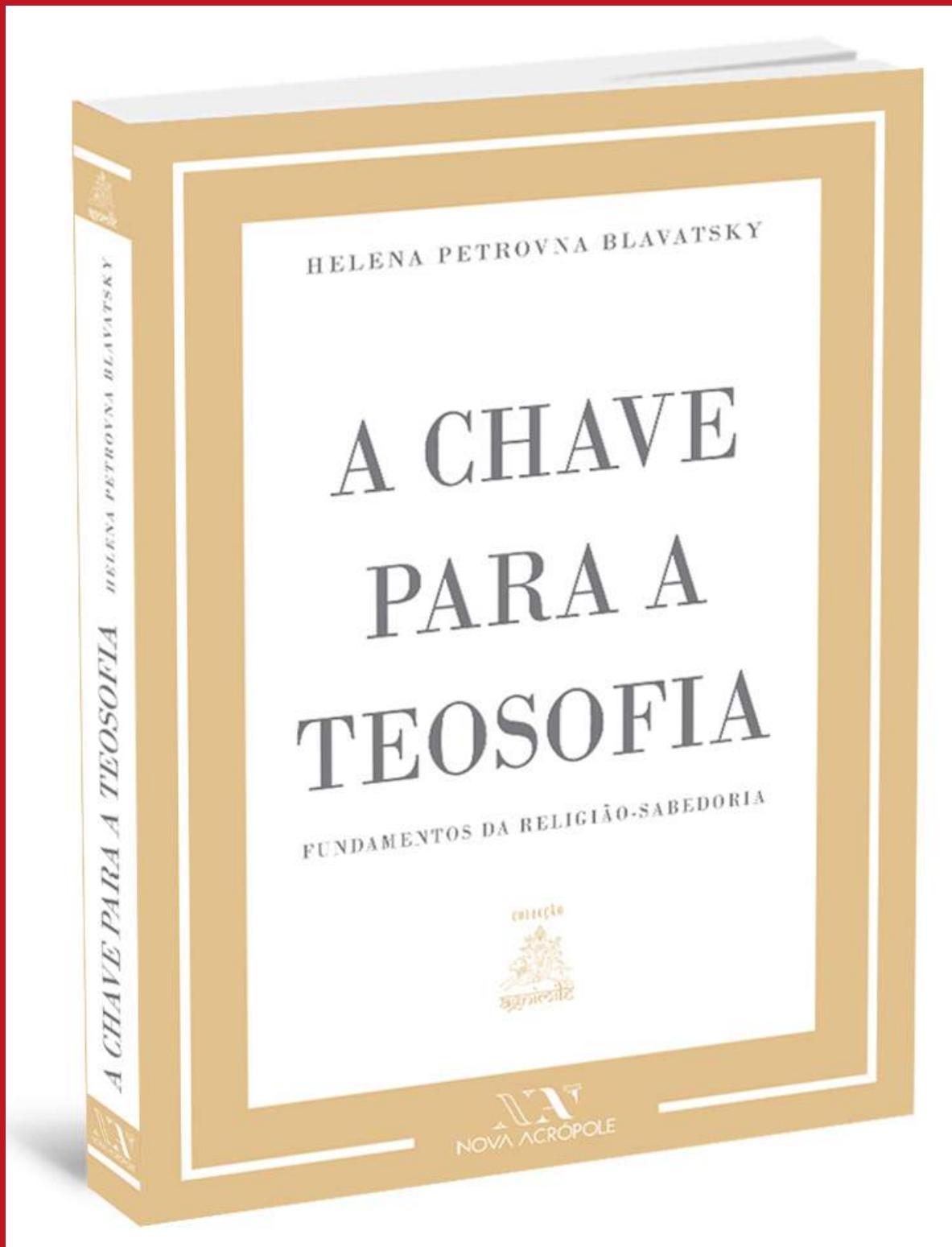
TEÓ.: Pelo contrário. Pois ainda que não saibamos o que é o Karma *per se* e na sua essência, sabemos, *de facto*, como é que ele age, podendo assim definir e

descrever o seu modo de acção com exactidão. Só não conhecemos a sua Causa última, da mesma forma que a filosofia moderna admite universalmente que a Causa última de uma coisa é «incognoscível».

INQ.: E o que tem a Teosofia a dizer como resposta às necessidades mais práticas da humanidade? Que explicação é que esta oferece perante o terrível sofrimento e a horrível necessidade que prevalecem entre as chamadas «classes inferiores»?

TEÓ.: Para ser exacta, de acordo com a nossa doutrina, todos estes grandes males sociais - a distinção de classes na Sociedade e a dos géneros nas questões quotidianas, bem como a distribuição desigual do dinheiro e do trabalho - devem-se todos àquilo que, concisa mas verdadeiramente, denominamos de KARMA.

INQ.: Mas não corresponderão certamente todos estes males, que parecem abater-se sobre as massas de forma algo indiscriminada, ao Karma efectivamente merecido e INDIVIDUAL.



H. P. Blavatsky (1831-1891) foi, no seu tempo, um ser humano dotado de um conhecimento inigualável, mas, acima de tudo, o que a destaca é a sabedoria, uma sabedoria revestida da humildade de um mestre – que era – que sempre se intitulou de discípulo, atribuindo todo o saber que transmitia aos seus Mestres. Muitas foram as obras e inumeráveis os artigos que deixou. Entre eles conta-se “A Chave para a Teosofia”, uma obra muito especial em que, sob a forma de entrevista, H. P. Blavatsky sintetiza o seu trabalho, os seus designios e os mais importantes conceitos daquilo que Ela denomina “Religião-Sabedoria”, ou seja, o religar do ser humano consigo mesmo e com toda a existência, através da Sabedoria. A versão integral desta obra surge, assim, pela primeira vez, em língua portuguesa, trazida pela Nova Acrópole e pelo Agnimile: Círculo de Estudos Orientais, por se considerar uma jóia do conhecimento e por representar, ao mesmo tempo, o sonho de H. P. Blavatsky – que o é, na verdade, de toda a humanidade – de se chegar a uma consciência mais luminosa e mais fraterna.

Encomendas em www.nova-acropole.pt

TEÓ.: Não, estes não podem ser assim tão estritamente definidos nos seus efeitos, a ponto de nos demonstrarem que cada ambiente individual e que as condições particulares da vida onde cada pessoa se encontra não sejam mais do que o Karma retributivo que o indivíduo gerou numa vida passada. Não nos podemos esquecer do facto de que todo o átomo está sujeito à lei geral que governa a totalidade do corpo ao qual pertence e aqui entramos no mais amplo rastro da lei Kármica. Não se apercebe de que o agregado dos Karmas individuais se converte naquele da nação à qual estes indivíduos pertencem e que, posteriormente, a soma total dos Karmas Nacionais se converte naquele do Mundo? Os males que mencionou não são particulares nem do indivíduo, nem sequer da Nação, mas são mais ou menos universais, e é sobre esta ampla linhagem da interdependência Humana que a lei do Karma encontra a sua descendência legítima e uniforme.

INQ.: Deverei compreender, portanto, que a lei do Karma não é necessariamente uma lei individual?

TEÓ.: Foi precisamente isso que eu quis dizer. Seria impossível que o Karma pudesse reajustar o equilíbrio do poder na vida e no progresso do mundo, a não ser que possuísse uma linha de acção vasta e geral. É considerada uma verdade entre os Teósofos que a interdependência da Humanidade é a causa daquilo que é chamado Karma Distributivo e é esta lei que dá resposta à grande questão do sofrimento colectivo e do seu alívio. Aliás, é uma lei oculta aquela que determina que nenhum homem pode sobrepor-se às suas imperfeições individuais, sem elevar, por pouco que seja, todo o corpo do qual é parte integrante. Da mesma forma, ninguém poderá pecar, nem sofrer os efeitos de um pecado, sozinho. Na verdade, não existe tal coisa como o «Separatismo»; e aquilo que mais se aproxima deste estado egoísta, dentro do que as leis da vida permitem, está na intenção ou motivo.

INQ.: E será que não existem meios através dos quais o Karma distributivo ou nacional possa ser concentrado ou reunido, por assim dizer, e ser levado à sua execução natural e legítima sem todo este sofrimento prolongado?

TEÓ.: Regra geral, e dentro de certos limites que definem a época a que pertencemos, a lei do Karma não pode ser acelerada nem retardada na sua execução. Mas de uma coisa estou certa, o limite da possibilidade de

ambas as direcções nunca foi alcançado. Escute o seguinte recital de um momento do sofrimento nacional e depois pergunte-se a si mesmo, admitindo o poder de acção do Karma individual, familiar e distributivo, se não é possível modificar extensivamente e, de uma forma geral, aliviar estes males. Aquilo que estou prestes a ler-lhe é da pena de uma Salvadora da Pátria, uma que, tendo-se superado a Si mesma, e tornando-se livre de escolher, elegeu servir a Humanidade, suportando sobre os seus ombros, pelo menos tanto quanto os de uma mulher podem suportar, o Karma Nacional.

Isto é o que ela diz: *Sim, de facto a Natureza fala-nos sempre, não acha? Só que às vezes fazemos tanto barulho que abafamos a sua voz.* É por isto que é tão relaxante sair da cidade para nos aninharmos um pouco nos braços da Mãe. Recordo-me da tarde em Hampstead Heath, quando contemplámos o pôr-do-sol; Oh, mas tamanho era o sofrimento e a miséria entre os quais este sol se punha! Uma senhora trouxe-me ontem uma grande cesta de flores silvestres. Achei que parte da minha família do East End de Londres tinha mais direito a ela do que eu, portanto levei-as esta manhã para uma paupérrima escola em Whitechapel. Gostaria que tivesse visto como aquelas caras pálidas se iluminaram!

A seguir ofereci refeições a algumas crianças numa cantina. Era numa rua traseira, estreita e cheia de pessoas aos encontrões; havia um cheiro indescritível a peixe, carne e outros alimentos, tudo a fumegar sob um sol que, em Whitechapel, em vez de purificar, apodrece. A cantina era a quintae-essênciam de todos os odores. Pastéis de carne indescritíveis a 1 penny cada, pedaços de «comida» repugnantes e enxames de moscas, um autêntico altar de Belzebu! Por toda a parte, criancinhas à procura de restos, uma delas, com a face de um anjo, reunia caroços de cereja como forma de dieta leve e nutritiva.

Voltei para o Oeste com todos os nervos em franja, questionando-me se se poderia fazer alguma coisa com certas zonas de Londres, excepto engoli-las num terramoto e dar aos seus habitantes um novo começo, depois de um mergulho nalgum Letes purificador, de onde nenhuma memória pudesse emergir! E depois recordei-me de Hampstead Heath, e - reflecti. Se através de algum sacrifício, alguém pudesse adquirir o poder de salvar esta gente, o custo não mereceria ser contabilizado; mas, sabe, ELES também têm de mudar - mas como é que isto pode ser feito? Na sua actual condição, não serão capazes de beneficiar de nenhum ambiente onde se os colocasse; e, ainda assim, nas suas circunstâncias actuais, continuariam a putrefazer-se. Isto quebra-me o coração, esta miséria sem fim e sem esperança, e a sua brutal degradação, que é simultaneamente a sua expansão e a sua raiz. É como uma continuariam a putrefazer-se. Isto quebra-me o coração, esta miséria sem fim e sem esperança, e a sua brutal

degradação, que é simultaneamente a sua expansão e a sua raiz. É como uma figueira; cada ramo enraíza-se e projecta novos rebentos. Que tamanha diferença existe entre estes sentimentos e a pacífica cena de Hampstead! E, no entanto, nós, que somos os irmãos e as irmãs destas pobres criaturas, somos os únicos que têm direito a utilizar Hampstead Heaths para recuperar forças e salvar Whitechapel. [1]

INQ.: Esta é uma triste mas belíssima carta e julgo que representa com dolorosa veracidade a terrível obra daquilo a que chamou Karma «Familiar» e «Distributivo». Oh! Parece não haver esperança de nenhum alívio breve, para além daquela de um terramoto ou de algum tipo de afundamento geral.

TEÓ.: Que direito temos nós de pensar assim, quando metade da humanidade se encontra em situação de poder gerar um alívio imediato das privações sofridas pelos seus semelhantes? Quando todo o indivíduo tiver contribuído com o que puder para o bem comum, com dinheiro, com trabalho e com um pensamento enobrecedor, então, e só então, é que o equilíbrio do Karma Nacional será alcançado. Até lá, não temos quaisquer razões, ou o direito, de dizer que existe mais vida na Terra do que aquela que a Natureza pode suportar. Está reservado às almas heróicas, aos Salvadores da nossa Raça e Nação, o encontrar da causa para esta pressão desigual do Karma retributivo e o reajustar, através de um esforço supremo, o equilíbrio do poder e salvar as gentes de um afundamento moral, que é um mal mil vezes mais desastroso e permanente do que uma catástrofe física equivalente e na qual você parece encontrar a única saída possível para esta miséria acumulada.

INQ.: Bom, diga-me, então, como é que vocês definem geralmente esta lei do Karma?

TEÓ.: Nós definimos o Karma como a Lei de reajustamento, que tende sempre a restabelecer o equilíbrio que foi perturbado no mundo físico e a harmonia que foi interrompida no mundo moral. Também dizemos que o Karma nem sempre age desta ou daquela maneira, mas que age sempre por forma a restaurar a Harmonia e preservar a balança do equilíbrio, em virtude do qual o Universo existe.

INQ.: Dê-me um exemplo.

TEÓ.: Dar-lhe-ei, mais adiante, um exemplo completo. Agora, imagine um lago. Uma pedra cai na água fazendo com que esta se agite em ondas.

Estas ondas oscilam para a frente e para trás até que, por fim, graças àquele processo que os físicos definem como lei de dissipaçāo da energia, são levadas à sua estabilidade, e a água regressa à sua condição de serena tranquilidade. Da mesma forma, toda a acção, em todos os planos, produz agitação na perfeita harmonia no Universo e as vibrações produzidas continuarão a enrolar-se para a frente e para trás, se a sua área for limitada, até que o equilíbrio seja restaurado. Mas uma vez que cada uma destas agitações tem início em lugares específicos, torna-se óbvio que o equilíbrio e a harmonia só podem ser restaurados se todas estas forças que foram colocadas em movimento convergirem para o mesmo lugar de onde partiram. E aqui tem a prova de como as consequências das acções, pensamentos, etc., de um homem, reagirão sobre ele com a mesma força com que foram colocadas em movimento.

INQ.: Mas não vejo nenhum carácter moral nesta lei. Parece-me tratar-se simplesmente de uma lei física onde a acção e a reacção são iguais e opostas.

TEÓ.: E não me surpreende que o diga. Os Europeus apegaram-se demasiadamente ao hábito inveterado de considerarem o certo e o errado, o bem e o mal, como tópicos de um código legislativo arbitrário, quer estabelecido pelos homens, quer imposto sobre eles por um Deus Pessoal. Contudo, nós, Teósofos, dizemos que o «Bem» e a «Harmonia», tal como o «Mal» e a «Desarmonia», são sinónimos. Para além disto, acreditamos que toda a dor e sofrimentos são resultado de uma falta de Harmonia e que a única e terrível causa da perturbação da Harmonia é, sob que forma for, o egoísmo. Como tal, o Karma retribui a todo o homem as consequências exactas das suas próprias acções, sem olhar ao seu carácter moral; mas uma vez que ele recebe o que lhe é devido por tudo o que faça, é óbvio que tanto será obrigado a expiar todo o sofrimento que causou, quanto a colher em alegria e felicidade os frutos de toda a felicidade e harmonia que ajudou a produzir. Mas para o ajudar a compreender, o melhor a fazer é citar-lhe certos passos de livros e artigos escritos pelos nossos Teósofos - daqueles que têm uma noção correcta do Karma.

INQ.: Gostaria muito que o fizesse, uma vez que a vossa literatura parece ser muito poupada neste tema. TEÓ.: Porque esta é a mais difícil de todas as nossas doutrinas. Há pouco tempo, apareceu a seguinte crítica da pena de um Cristão:

Admitindo-se que o ensinamento Teosófico em questão está correcto e que o «Homem deve ser o seu próprio salvador, deve vencer-se a si mesmo e conquistar o mal que existe na sua natureza dual, por forma a obter a emancipação da sua alma», o que fará o Homem uma vez que tenha despertado e, até certo ponto, se tenha reconvertido, do mal e da perversidade? Como é que ele alcançará a emancipação ou o perdão ou a remissão do mal e da perversidade anteriormente cometidos?

A isto, o Sr. J. H. Connelly [2] responde, com muita pertinência, que ninguém poderá esperar «operar o mecanismo teosófico sobre carris teológicos.» Ele diz o seguinte:

A possibilidade de nos furtarmos à nossa responsabilidade individual não existe dentro dos conceitos da Teosofia. Nesta fé não existe tal coisa como o perdão, ou a «remissão do mal e da perversidade anteriormente cometidos», que não sejam feitos através de uma punição adequada, claro está, do infractor e de um restabelecimento da harmonia que no universo tenha sido perturbada pelas suas más acções. O erro foi seu, e ainda que os outros possam sofrer as suas consequências, a expiação não pode ser feita por ninguém senão por ele mesmo.

A suposta condição (...) na qual um homem tenha «despertado e, até certo ponto, que se tenha reconvertido, do mal e da perversidade», é aquela onde um homem deverá ter compreendido que as suas acções são más e merecedoras de castigo. Nesta compreensão, um sentimento de responsabilidade pessoal é inevitável e o alcance deste sentimento de terrível responsabilidade terá de ser necessariamente proporcional ao seu despertar e «reconversão». Mas, logo após esta compreensão do erro, ele é levado a aceitar a doutrina da expiação vicária.

É-lhe dito, igualmente, que deve arrepender-se, mas não existe nada mais fácil do que isso. É uma adorável fraqueza da natureza humana, aquela de estarmos tão dispostos a lamentar o mal que fizemos quando somos chamados à atenção, quer quando sofremos, quer quando usufruímos dos seus frutos. Provavelmente, uma análise mais aprofundada do sentimento demonstrar-nos-ia que nos arrependedemos mais da aparente necessidade de recorrermos ao mal, como meio de atingirmos os nossos objectivos, do que propriamente do mal em si mesmo.

Por mais atractiva que seja para a mente comum esta perspectiva de se lançarem «aos pés da cruz» o fardo dos nossos pecados, esta não serve ao estudante teosófico. Ele não comprehende como é que o pecador, apenas por ter adquirido conhecimento sobre a sua maldade, possa tornar-se merecedor de qualquer perdão ou remissão da sua perversidade passada; nem como é que o arrependimento e a vida recta que este agora inicia, podem suspender, a seu favor, a lei universal da relação entre a causa e o efeito. O

agora inicia, podem suspender, a seu favor, a lei universal da relação entre a causa e o efeito. O resultado das suas más acções continuará a existir e o sofrimento causado aos outros por maldade não é remido. O estudante teosófico considera, na sua equação, o resultado que a perversidade tem sobre o inocente. Ele não considera apenas o pecador, mas também as suas vítimas.

O mal é uma infracção das leis da harmonia que governam o universo, como tal, a pena deve recair sobre o violador destas leis. Cristo alertou: «Não peques mais, para que não te aconteça coisa ainda pior»[3], S. Paulo disse: «trabalhai com temor e tremor pela vossa salvação»[4], «Pois o que um homem semear, também o há-de colher»[5]. Esta última, aliás, é uma extraordinária tradução metafórica de uma mais antiga frase dos Purâñas, que diz: «o homem come dos seus actos».[6]

Este é o princípio da Lei do Karma, tal como é ensinado pela Teosofia. Sinnett, no seu Esoteric Buddhism, define o Karma como «a lei da causalidade ética», mas «lei da retribuição», como a Madame Blavatsky o traduz, está mais correcto. Este poder:

*«Justo, embora misterioso,
guia-nos à perfeição
Por caminhos onde não pisaram
nem a Culpa, nem a Punição.»[7]*

**David Mallet,
Eurydice. A Tragedy**

E mais. O Karma recompensa o mérito tão infalível e amplamente quanto castiga o demérito. É o resultado de toda a acção, pensamento, palavra e feito, e através dele moldam-se os homens, bem como as suas vidas e ocorrências. A filosofia Oriental rejeita a ideia da criação de uma nova alma para cada recém-nascido. Esta acredita num número limitado de mónadas, que evoluem e se tornam cada vez mais perfeitas através da assimilação de personalidades sucessivas. Estas personalidades são o produto do Karma e é através do Karma e da reencarnação que a mónada humana regressa, no tempo devido, à sua origem – a divindade absoluta.[8]

E. D. Walker, no seu *Reincarnation*[9], dá-nos a seguinte explicação:

Resumindo, a doutrina do Karma ensina que somos hoje aquilo que fizemos de nós próprios com as acções do passado e que construímos a nossa eternidade futura com as acções do presente. Não existe destino para além daquele que nós próprios determinamos. Não existe outra salvação nem condenação que não seja aquela que provocamos. (...) Como esta doutrina não dá abrigo a acções condenáveis, e como exige uma virilidade genuína, é menos atractiva para as naturezas fracas do que os fáceis dogmas religiosos da expiação vicária, do perdão e das conversões no leito de morte. (...) Naquilo que diz respeito à justiça eterna, a ofensa e o castigo estão inseparavelmente unidos como uma só ocorrência, pois não existe real diferença entre a acção e a sua consequência. (...) É o Karma, ou as nossas acções passadas, aquilo que nos traz novamente à vida terrena. A morada do espírito muda conforme o seu Karma, e este Karma proíbe qualquer continuação prolongada numa única condição, pois este está sempre em mudança. Enquanto a acção for governada por motivos materiais e egoístas, o efeito desta acção continuará a manifestar-se em renascimentos físicos. Só o homem perfeitamente altruísta é que pode esquivar-se à gravitação da vida material. Poucos o conseguiram fazer, mas é este o objectivo da humanidade.

Connelly cita o seguinte, da *Doutrina Secreta*:

Aqueles que acreditam no Karma têm também de acreditar no destino, o qual, desde o nascimento até à morte, todo o homem tece em seu redor, fio a fio, tal como uma aranha faz com a sua teia; e este destino tanto é guiado pela voz celeste do protótipo invisível que nos é exterior, quanto pelo nosso mais familiar homem interior astral, que é frequentemente o mau génio da entidade encarnada chamada de homem. Ambos guiam o homem exterior, mas só um deles é que pode prevalecer; e desde o início da rixa invisível que a severa e implacável lei da compensação intervém e segue o seu curso, acompanhando fielmente as suas flutuações. Quando é tecido o último fio e o homem fica aparentemente envolto na teia dos seus próprios actos, ele fica totalmente dominado pelo império do seu destino autocrado. (...)

Um Ocultista ou um Filósofo não falarão nem na bondade nem na crueldade da Providência; pelo contrário, identificando-a com o Karma-Némesis, ensinará que esta, independentemente de tudo o resto, protege os bons e vela por eles nesta vida, tal como o fará nas vidas futuras; e que castiga os malfeiteiros – sim, até ao seu sétimo nascimento. Até que, resumindo, os efeitos produzidos pela sua perturbação, até do seu menor átomo, do Infinito Mundo da harmonia, tenham sido finalmente corrigidos. Pois o único decreto do Karma – um decreto eterno e imutável – é a Harmonia absoluta, tanto no mundo da matéria, quanto no mundo do Espírito. Portanto, não é o Karma que recompensa ou que castiga, mas somos nós próprios que nos

recompensamos ou castigamos, dependendo de se trabalhamos com a natureza, através dela e juntamente com ela, obedecendo às leis das quais depende esta Harmonia, ou se as quebramos. Nem os caminhos do Karma seriam impenetráveis se os homens trabalhassem em união e harmonia, em vez de o fazerem em desunião e conflito. Pois a nossa ignorância sobre estes caminhos – a que uma parte da humanidade chama de designios da Providência, obscuros e complexos; outra vê neles a acção do Fatalismo cego; e uma terceira, só como possibilidade, não lhe daria deuses nem demónios por guia – certamente desapareceria, se fôssemos capazes de os atribuir a todos à sua verdadeira causa. (...)

Admiramo-nos perante o mistério da nossa própria criação e dos enigmas da vida que não somos capazes de resolver e depois queixamo-nos de ser devorados pela grande Esfinge. Mas, na verdade, não existe um único acidente nas nossas vidas, um mau dia, ou um só azar, que não possa ser traçado até às nossas próprias acções nesta ou noutra vida. (...)

A Lei do KARMA está indestrinçavelmente entrelaçada com aquela da Reencarnação. (...) só esta doutrina, mantemos, é capaz de nos explicar o misterioso problema do Bem e do Mal e reconciliar o homem com a terrível e aparente injustiça da vida.

Nada além de tal certeza é capaz de acalmar o nosso revoltado sentimento de injustiça. Porque, quando aquele que não está familiarizado com esta nobre doutrina olha à sua volta e observa as desigualdades de nascimento e de fortuna, de intelecto e capacidade; quando vê serem dadas honras a tolos e a depravados, a quem a fortuna prestou os seus favores por mero privilégio de nascimento, enquanto que os seus vizinhos mais próximos, com todo o seu intelecto e nobreza de virtudes – que, por todas as razões, mais a mereciam – morrem de fome e falta de simpatia; quando vê tudo isto e tem de virar-lhes a cara, incapaz de aliviar o sofrimento imerecido, com zumbido nos ouvidos e dor no coração devido aos gritos de dor que o rodeiam – só este abençoado conhecimento do Karma o pode prevenir de amaldiçoar a vida e os homens, bem como o seu suposto Criador.[10] (...)

Esta Lei – quer Consciente, quer Inconscientemente – não predestina nada nem ninguém. Esta existe, verdadeiramente, da e na Eternidade, pois é a própria ETERNIDADE; e, como tal, uma vez que nenhum acto pode ter a mesma natureza que a eternidade, não se pode dizer que aja, porque é a própria ACÇÃO. Não é a Onda que afoga o homem, mas sim o acto pessoal do infeliz que se coloca, deliberadamente, a si mesmo sob a acção impessoal das leis que governam o movimento do Oceano. O Karma não cria nem projecta nada. É o homem quem projecta e cria as causas, a lei Kármica só ajusta os seus efeitos; cujo ajustamento não é uma acção, mas harmonia universal, que tende sempre à recuperação da sua posição original, como um ramo que, ao ser demasiadamente dobrado, ressalta com um vigor correspondente.



Helena Petrovna Blavatsky em 1877

Se provocasse a deslocação do braço que o tentou desviar da sua posição natural, diremos que foi o ramo que deslocou o nosso braço ou que foi a nossa própria insensatez que nos causou a dor? O Karma nunca pretendeu destruir a liberdade intelectual e individual, como o Deus inventado pelos Monoteístas. Este não envolveu os seus decretos na escuridão com o propósito de confundir o homem; nem castigará aquele que ousar penetrar nos seus mistérios. Pelo contrário, aquele que desvela, através do estudo e da meditação, os seus confusos caminhos e derrama luz sobre as suas vias obscuras, em cujos enroladouros tantos homens perdem a vida devido ao tão ignorantes que são sobre o labirinto da vida, trabalha para o bem dos seus semelhantes. O KARMA é uma lei Absoluta e Eterna no Mundo da manifestação; e como só pode existir um Absoluto, assim como Uma Causa eternamente presente, os crentes no Karma não podem ser considerados nem Ateus, nem materialistas – e ainda menos, fatalistas[11]: porque o Karma é uno com o Desconhecido, do qual ele é um aspecto dos seus efeitos no mundo fenoménico.[12]

Outro competentíssimo escritor Teosófico, o Sr. P. Sinnett, no *Purpose of Theosophy*, diz[13]:

Todo o indivíduo cria Karma, quer bom, quer mau, em todas as acções e pensamentos da sua ronda diária e dissolve nesta vida, simultaneamente, o Karma gerado pelas acções e desejos da última. Quando vemos pessoas afligidas por doenças congénitas, podemos assumir, com alguma segurança que estas doenças são os inevitáveis resultados de causas que elas mesmas geraram num nascimento anterior. Poder-se-á argumentar que, como estas doenças são hereditárias, não podem ter nada que ver com uma encarnação passada; mas devemos recordar-nos de que este Ego, o Homem real, a individualidade, não tem uma origem espiritual na linhagem onde encarnou, mas sim que é atraído – pelas afinidades que, no seu anterior modo de vida, trouxe do seu entorno para a cadeia que o transporta –, quando chega a hora de renascer, para o lar mais apropriado para o desenvolvimento dessas tendências. (...)

Esta doutrina do Karma, se bem entendida, está feita para guiar e auxiliar aqueles que compreendem a sua verdade, num modo de vida superior e melhor, pois não nos deveremos esquecer de que, não só as nossas acções, mas também os nossos pensamentos, são inquestionavelmente seguidos por uma multidão de circunstâncias que influenciarão, para o bem e para o mal, o nosso próprio futuro e, mais importante ainda, o futuro de muitos dos nossos companheiros. Se os pecados por omisão ou comissão pudesssem, de alguma forma, dizer respeito só a nós próprios, a questão do Karma do pecador seria da menor importância. O facto de cada pensamento e acção, bons ou maus, gerarem ao longo da vida uma influência correspondente sobre os outros membros da família humana, permite-nos ir desenvolvendo um rigoroso sentido de justiça, de moralidade e de altruísmo, tão necessários à felicidade e ao progresso futuros. Um crime, uma vez cometido, ou um mau pensamento projectado pela mente, tornam-se irrevogáveis – nenhum

arrependimento, maior ou menor, poderá impedir os seus resultados no futuro. O arrependimento, se for sincero, impedirá o homem de repetir os seus erros; mas não o poderá salvar, nem a si, nem aos outros, dos efeitos daqueles que já foram cometidos, que o alcançarão, infalivelmente, nesta vida ou na próxima encarnação.[14]

O Sr. J. H. Connelly prossegue:

Aqueles que crêem numa religião baseada em tal doutrina mal podem esperar por compará-la com outra onde o eterno destino do homem seja determinado pelos acasos de uma única e breve existência terrena, durante a qual lhe é oferecida a promessa de que «como cai a árvore, é como fica»[15]; na qual a sua mais iluminada esperança, quando nele desperta o conhecimento da sua maldade, é aquela da doutrina da expiação vicária, mas onde até esta é falível, pelo menos a julgar pela Confissão de Fé Presbiteriana:

«Pelo decreto de Deus e para a manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.

Estes homens e estes anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido que não pode ser nem aumentado nem diminuído. (...) Como Deus destinou os eleitos para a glória (...) não há nenhum outro que seja remido por Cristo, que seja eficazmente chamado, justificado, adoptado, santificado ou salvo, além dos eleitos.

Segundo o inescrutável conselho da sua própria vontade, pela qual ele concede ou recusa a misericórdia conforme lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça, decidiu Deus não contemplar e ordená-los para a desonra e para a ira por causa dos seus pecados.»[16]

Isto é o que o hábil defensor diz. Nem nos resta nada melhor a fazer do que encerrar este tema, como ele faz, com a citação de um poema magnífico. Conforme as suas palavras:

A requintada beleza da descrição do Karma de Edwin Arnold, no *The Light of Asia*, é tentadora a ponto de a querermos reproduzir aqui, mas é demasiado longa para uma citação completa. Segue-se uma porção da mesma:

«O Karma – toda essa soma de uma alma
Que é as coisas que fez e os pensamentos pensados,
O «Eu» que teceu, com a trama do tempo sem-fim
Atravessada sobre a urdidura invisível dos actos.
Antes do princípio e sem fim,
Como espaço eterno e, com certeza, guiado,
É fixado um Poder divino dirigido ao bem,
E apenas as suas leis perduram.
Ele não esquecerá ninguém;
Quem o contraria só perde, e quem o serve sai vitorioso;

Ao bem oculto ele paga com paz e bem-aventurança,
 Ao mal escondido, com dor.
 Ele tudo vê e tudo regista;
 Faz o bem – ele recompensa! Faz um mal
 E retribuição igual será preparada,
 Ainda que o Dharma se demore.
 Ele não conhece a ira nem o perdão, verdade verdadeira!
 A sua fita mede, a sua irrepreensível balança pesa;
 Para ele o tempo é nada, amanhã julgará,
 Ou daqui a muitos dias.
 Tal é a lei que caminha para a justiça,
 Da qual ninguém se desvia, a qual ninguém impede.
 O seu coração é amor, a sua meta
 É doce paz e realização. Obedece.»[17]

Ora, peço-lhe que compare as nossas opiniões Teosóficas sobre o Karma, a lei da Retribuição, e que me diga se não são muito mais filosóficas e justas do que este dogma cruel e absurdo que transforma «Deus» num insensato inimigo; nomeadamente, naquele dogma onde «só os eleitos» é que serão salvos, e tudo o resto condenado à perdição eterna!

INQ.: Sim, comprehendo o que quer dizer; mas gostaria que me desse um exemplo concreto da acção do Karma.

TEÓ.: Isso não posso fazer. Só podemos ter a certeza, como já tive oportunidade de lhe dizer, que as nossas vidas e circunstâncias presentes são o resultado directo das nossas próprias acções e pensamentos em vida, que já são passado. Mas nós, que não somos nem Videntes, nem Iniciados, não podemos saber nada sobre os detalhes da acção da lei do Karma.

INQ.: Poderá alguém, ainda que de entre Adepts ou Videntes, seguir este processo Kármico de reajustamento em todo o seu detalhe?

TEÓ.: Certamente. «Aqueles que sabem» podem fazê-lo, através da exercitação de poderes que, aliás, existem de forma latente em todos os homens. ▲

Notas:

Este artigo foi traduzido por Ricardo Louro Martins, Membro-Voluntário da Nova Acrópole, que elaborou também as seguintes notas.

[1] Assinado por um nome demasiadamente respeitado e bem conhecido para que seja dado a qualquer um. (N. da A.)

[2] James Henderson Connelly (1840-1903). (N. do T.)

[3] João 5.14. (N. do T.)

[4] Filipenses 2.12. (N. do T.)

[5] Gálatas 6.7. (N. do T.)

[6] Viṣṇupurāṇa 1.1.17: «yataḥ svakṛtabhuk pumān». (N. do T.)

[7] David Mallet, Eurydice. A Tragedy, London, A. Millar, 1731, p. 58. (N. do T.)

[8] Ver «Theosophy and Christianity irreconcilable», The Homiletic Review 29, 1895; J. A. Anderson, «From Orient to Occident: Karma», The New Californian 1.2, 1891; etc. (N. do T.)

[9] Reincarnation: A Study of Forgotten Truth, New York, American Publishers Co., 1888, pp. 299-300, 302-303. (N. do T.)

[10] Aqueles que rejeitam a doutrina do Karma devem recordar-se do facto de ser absolutamente impossível tentar responder aos Pessimistas com outros dados. Uma compreensão firme dos princípios da Lei Kármica derruba toda a base da estrutura criada pelos discípulos de Schopenhauer e von Hartmann. (N. da A.)

[11] Alguns Teósofos, por forma a tornar o Karma mais comprehensível à mente Ocidental, uma vez que esta está mais acostumada à filosofia Grega do que à Ária, tentaram traduzi-lo por Némesis. Tivesse esta sido compreendida na Antiguidade pelos profanos, como o foi pelos Iniciados, e a tradução seria irrepreensível. Tal como está, foi demasiadamente antropomorfizada pela imaginação Grega para que nos permita utilizá-la sem uma explicação elaborada. Entre os Gregos primitivos, «de Homero a Heródoto, ela não era uma deusa, mas sim um sentimento moral», diz-nos Decharme, o entrave ao mal e à imoralidade. Aquele que a transgride, comete um sacrilégio aos olhos dos deuses, e é perseguido pela Némesis. Mas, com o tempo, este «sentimento» foi deificado, e a sua personificação tornou-se numa deusa sempre fatal e punitiva. Assim, se quisermos unir o Karma à Némesis, isto terá de ser feito tendo em conta o tripla carácter da última, viz., enquanto Némesis, Adrasteia e Témis. Pois, enquanto que a última é a deusa da Ordem e da Harmonia Universais, a qual, como Némesis, possui poderes para reprimir, com pena severa, todo o excesso e manter o Homem dentro dos limites da Natureza e da rectidão, Adrasteia – a «inevitável» – representa Némesis enquanto efeito imutável das causas criadas pelo próprio Homem. Némesis, enquanto filha de Diké, é a deusa justa, que reserva a sua ira só para aqueles que ficaram enlouquecidos pelo orgulho, egoísmo e impiedade. (Mesomedes, Hino a Némesis 2: «κ্যανόπι θεά, θύγατερ Δίκας». Ver Richardo Brunck, «Μεσομήδης 1: Υμνος εις Νέμεσιν» in Analecta Veterum Poetarum Graecorum, vol. 2, Argentorati, 1773, p. 292; P. Decharme, Mythologie de la Grèce Antique, Paris, Garnier Frères, 1886, p. 304.) Resumindo, enquanto que Némesis é uma deusa mitológica e exotérica, ou um Poder personificado e antropomorfizado em vários aspectos, o Karma é uma verdade altamente filosófica, uma expressão sobre muitíssimo divina da intuição primitiva do Homem em relação à Divindade. É uma doutrina que explica a origem do Mal, e que enobrece os nossos conceitos sobre o que a Justiça divina e imutável deve ser, em vez de degradar a Divindade desconhecida e incognoscível, tornando-a no caprichoso e cruel tirano a que chamamos Providência. (N. da A.)

[12] Secret Doctrine 1.639, 643-644; 2.303-306. (N. do T.)

[13] A Edição da Chave de Katherine Tingley substitui esta citação por excertos de um artigo anónimo, publicado por W. Q. Judge. Ver «Karma», The Path 1.6, 1886:

«Pode dizer-se que o Karma, regra geral, é a continuação da natureza da acção, onde cada acto contém em si mesmo o seu passado e seu o futuro. Todo o defeito que possa existir num acto deve estar implícito no próprio acto, caso contrário nunca poderia manifestar-se. O efeito não é mais do que a natureza do acto e não pode existir distinto da sua causa. O Karma só produz a manifestação daquilo que já existe; sendo acção, este produz a sua manifestação no tempo, como tal, pode dizer-se que o Karma é a mesma acção noutro ponto do tempo. Para além disto, como é evidente, não só existe uma relação entre a causa e o efeito, como também uma relação entre a causa e o indivíduo que experimenta o seu efeito. Se assim não fosse, qualquer homem poderia colher o efeito das acções de outro homem. De facto, parece que às vezes colhemos os efeitos da acção dos outros, mas isto é apenas aparente.

Na verdade, é a nossa própria acção:

“(...) mais nada te obriga,
mais ninguém te impede, da tua morte e da tua vida.”
(Edwin Arnold, *The Light of Asia* 8.215)

É, portanto, necessário, por forma a compreender a natureza do Karma e a sua relação com o indivíduo, considerar a acção em todos os seus aspectos. Todo o acto procede da mente. Para lá da mente não existe acção e, como tal, não existe Karma. A base de todo o acto é o desejo. O plano do desejo, ou egoísmo, é, em si mesmo, acção e matriz de todo o acto. Este plano pode ser considerado não-manifestado, no entanto, tem uma manifestação dual a que chamamos de causa e efeito, ou seja, o acto e as suas consequências. Na verdade, tanto o acto como as suas consequências são os efeitos, uma vez que a causa está no plano do desejo. O desejo é, portanto, a base da acção e a sua primeira manifestação no plano físico e o desejo determina a continuação do acto na sua relação kármica com o indivíduo. Para que um homem se liberte dos efeitos kármicos de qualquer acto, ele deverá evoluir para um estado onde já não exista uma base na qual este acto possa realizar-se. A ondulação na água causada pela acção de uma pedra estender-se-á até ao mais longínquo limite da sua expansão: mas é limitada pela costa.

O seu curso termina quando deixa de haver uma base, ou meio adequado, aos quais possam pertencer; este perde a sua força e deixa de existir. Portanto, o Karma depende tanto da personalidade actual para se cumprir, quanto dependeu da anterior para se gerar. Podemos compreender melhor a questão através de um exemplo. Uma semente de mostarda, por exemplo, produzirá uma árvore de mostarda, e nada outra coisa, mas para que se produza, é necessário que a cooperação entre o solo e a cultura exista. Sem a semente, por mais que o terreno esteja lavrado e regado, não gerará só por si a planta, mas a semente é igualmente ineficiente sem o acto conjunto do solo e da cultura.» (N. do T.)

[14] A. P. Sinnett, *The Purpose of Theosophy*, Boston, Occult Publishing Co., 1888, pp. 15-16, 18-19. (N. do T.)

[15] Provérbio Inglês baseado no Eclesiastes 11.3: «Quer a árvore caia para o sul ou para o norte, onde cair, aí ficará.» (N. do T.)

[16] Confissão de Fé de Westminster. Ver *The Humble Advice of the Assembly of Divines*, London, E. Tyler, 1647. (N. do T.)

[17] Edwin Arnold, *The Light of Asia or The Great Renunciation (mahābhiniṣkramaṇa): being the Life and Teaching of Gautama*, London, Trübner & Co., 1879, 6.172, 8.215, 218-219. (N. do T.)



Escultura representando Ravana. British Museum

O SONHO DE RĀVAÑA E AS DOENÇAS DA ALMA

Por José Carlos Fernández

Como diziam os pitagóricos, a carne (*soma*) converte-se numa tumba (*sema*), na qual a alma morre em vida. Só a sabedoria, o despertar da consciência e o retorno do sentido profundo da vida podem devolver-lhe o seu vigor. Mas, pelo contrário, as “afeições” da matéria, contaminando-a, de novo a adoecem e a matam.

“O intrépido Guerreiro, com o seu precioso sangue vital brotando das suas feridas abertas e profundas, atacará de novo o inimigo, e o expulsará da força, antes que ele mesmo expire.”

FRAGMENTO DE “OS SETE PORTAIS”
DO LIVRO A VOZ DO SILENCIO,
TRADUZIDO POR H.P.BLAVATSKY

O Sonho de Rāvaña é um livro de autor anónimo que apareceu por parcelas em vários números da revista da Universidade de Dublin nos anos 1854 e 1855. Ainda quase desconhecido por um grande público, o futuro, sem dúvida, fará justiça e convertê-lo-á num dos livros mais belos, profundos e transformadores alguma vez escritos.

Noutros artigos temos já explicado o enredo do mesmo e ainda seleccionado fragmentos. O estudo introdutório e as notas de Ricardo Louro Martins são verdadeiramente notáveis, um trabalho de filósofo e erudito, um pandita Ocidental.

Interpretando uma das visões da Titã Ravana, na qual caminha por uma terra sombria e desolada, o autor descreve num parágrafo, de modo magistral, as doenças que matam a alma.

Como no Novo Testamento, quando Jesus disse que deixassem que os mortos enterrassem os mortos, é aludido que quando a alma “entra” no corpo, entra numa letargia semelhante à morte. Como diziam os Pitagóricos, a carne (*soma*) converte-se numa tumba

(sema), na qual a alma morre em vida. Só a sabedoria, o despertar da consciência e o retorno do sentido profundo da vida podem devolver-lhes o seu vigor. E, pelo contrário, as “afeições” da matéria, contaminando-a, de novo a adoecem e matam. Todos os animais selvagens devoradores da alma, corporizações semelhantes a sombras, da nossa própria ignorância, são os que habitam no reino de Tamas, a inércia da matéria, o estado de decomposição ou de opacidade da luz que é própria.

“Doenças da alma” é um termo mais acertado e filosófico que o de “pecados”, também válido. Se fazemos a comparação com o corpo, não é só uma simples mancha (pecado), um buraco pelo qual desliza, quase inadvertidamente, o líquido precioso, o fluido dourado da nossa vida interior. São também diversas rupturas de harmonia, formas de caos que a alma padece e deve superar se quiser continuar o seu trabalho aqui na terra e encontrar a felicidade do dever cumprido e retornar à sua verdadeira natureza no céu. São mais que faltas, que debilitam as forças da alma, são vícios, que a sufocam. A enumeração tem semelhanças, evidentemente, com os pecados capitais: luxúria, gula, avareza, preguiça, ira, inveja, soberba, ainda que o tratamento que faz seja mais filosófico.

O próprio Ravana simboliza o Eu Inferior, o espírito prisioneiro da ilusão do Eu com 10 cabeças, o que a filosofia Hindu chama Ahamkara, a raiz da doença, a cegueira da alma que deixa de reconhecer o seu mundo e experimenta o vazio da sede de possessão (quando na realidade nada há a possuir), a sede da viver (quando a alma é em si mesma vida eterna), a sede da sensação (quando não há nada que não conheça, que não sinta em si mesma sem necessidade de a buscar na matéria e nas imagens que se reflectem nela).



Edição ilustrada da epopeia Ramayana



O Titã Ravana junto a Sita

O texto escolhido de O Sonho de Rāvaṇa diz assim:

“Ó homem trágico! Donde provem tanta morte na tua Vida? Por Deus! É porque a destruída moral interna reina sobre tudo, manifestando-se desta forma. As almas dos homens morrem no momento que nascem, esta vida é a sua autópsia, e a doença manifesta-se em todos. Um morreu enlouquecido pelo orgulho, outro exaltado pela raiva, um leproso por causa da sensualidade, outro sofria da febre da ambição, o outro um desejo insaciável de ganhar mais, outro pelo veneno maligno da vingança, outro da icterícia do ciúme, outro devido ao cancro insaciável da vingança, outro devido ao excesso de amor-próprio, outro da paralisia da apatia. Muitas são doenças, mas a morte é o resultado comum para todas elas.

Se aqui triunfa a morte: a morte física e moral. Os mortos dão à luz mais mortos, o morto leva o morto à funerária, o morto caminha pelas ruas saudando a outros mortos, e negoceia com eles, compra e vende, casa-se e constrói: e durante todo esse tempo não sabe que todos eles não são mais que sombras e fantasmas! Esta terra de silêncio e de sombras, pela qual a tua alma caminhou na tua visão, ó Titã! É o Mundo no qual o teu corpo morto caminha agora deserto.”

É espantosa a perspicácia do autor, como descreve o dano que produz cada uma destas doenças. Como o lendário quadro de Dorian Grey, embora no exterior sejamos, mais ou menos sempre semelhantes a nós mesmos, dentro a doença, se não a combatemos, vai adulterando e arruinando a nossa verdadeira natureza até que seja irreconhecível. Certamente que todas estas enfermidades estão em maior ou menor grau em cada um de nós, ou somos afligidos por elas em diversos momentos da nossa vida (se queremos ser optimistas, pois a realidade é que só em diversos momentos da vida conseguimos ver o céu estrelado do ideal através, além delas, pois são rainhas neste mundo material).

Anónimo

O Sonho de Rāvaṇa

Um tratado místico
da Índia

Tradução e notas
Ricardo Louro Martins

Edições

NOVA ACRÓPOLE



O **orgulho** ou a soberba enlouquece-nos, já nem sabemos quem somos, nem somos capazes de ver quem nos rodeia. Faz-nos confundir o amigo com o inimigo e vice-versa, a calma vai-se, a vida converte-se num pesadelo e desaparece o respeito pelo próximo, atentando assim contra a dignidade de quem se aproxima ou simplesmente de quem temos que sofrer.

A **ira**, além do dano que podemos exercer sobre os outros, faz a alma frenética, sujeitando-a a uma pressão que facilmente pode romper, produzir fissuras, leva-a a uma excitação excessiva e actividade caótica onde perde a visão, como o navegante que no meio da tormenta é incapaz de definir o curso.

A **sensualidade** é para a alma uma lepra, desfá-la em pedaços, pedaços da sua “pele” e “carne” caem mortos por querer abraçar o que está morto (pois é a alma quem dá a vida, e sair fora de si mesma leva-a à morte) e obtém com ele prazer. Tal é a atracção do canto das sereias para os tripulantes do barco sagrado, pedaços de carne da alma, lançam-se no abismo.

A **ambição** é como uma febre que nos faz arder, e talvez assim cremos que estamos mais vivos, mas não, o que estamos é mais doentes, drogados pelas sensações de uma carreia que não vai a lugar nenhum, pois as metas não saciam nem devolvem a paz.

A **ganância** é um desejo insaciável de ganhar mais, de acumular o que jamais possuiremos de verdade, nem poderemos levar mais além das portas da morte. Uma doença incurável, segundo os Egípcios, e com ela o barco da vida fica preso na areia, ou na lama, por pesar demasiado.

A **necessidade de vingança** é um veneno que corrói as entranhas, a vida deixa de ter sentido, pois o seu ácido é corrosivo, só encontra satisfação na reparação da ofensa, seja real ou imaginária.

Os **ciúmes** são uma icterícia que nos consome, a bilirrubina da alma dispara e sucumbe sem vida deixando a besta que vive dentro de cada um sem controlo, dando espaço, pois o fígado psíquico já não é capaz de regular harmonicamente o delicado mundo dos sentimentos e emoções.

A **inveja** é, na sua alegoria, como um cancro para a alma, uma sombra obscura que mata as suas fibras mais tenras, transmutando-as alquimicamente no inverso, de nada serve já e o inimigo segue crescendo dentro.

O **excesso de amor-próprio** mata-nos porque convertemos numa pequena ilha no meio de um oceano hostil, num deserto ao qual nenhum caminho chega. A alma animada e vinculada por raios de luz e fluxos de vida a tudo o que existe é prisioneira sem alimento numa prisão estreita. Como diziam os Clássicos, os bandidos lançam pedras contra a donzela da sua alma, apedrejam-na e ferem-na.

A **apatia** ou **preguiça da alma** converte-se numa paralisia, os braços da alma que nos permitem querer e fazer, caem sem vida, imobilizam-se, as pernas ficam rígidas. Se o veneno da cicuta avança no sangue da vida interior, o coração detém-se e convertemo-nos em autómatas. O que fazemos já é mecânico, a barca já não é uma barca que nos permita realizar os Sonhos e que nos leve às Fontes, é um pedaço de madeira inerte que é arrastado para o mar. A inércia, que é um atributo da pedra que vive dentro de nós, converteu a alma em pedra, cuja essência é puro dinamismo, pura adaptabilidade, pura sensibilidade e resposta.

De todo o modo, o caminho leva-nos sempre a viver de novo, e anima-nos a combater contra estas doenças e assim descobrir novos horizontes. Nesta terra sombria e desolada, como descreve o autor, a alma sempre nos sorri e nos convida a segui-la. ▲



A ORIGEM E O SIGNIFICADO DOS MANTRAS

Por Ricardo Louro Martins

Os mantras são uma produção Védica, e como tal, a forma mais directa de os considerarmos terá de iniciar necessariamente numa contextualização dos mesmos naquilo que é possível conhecer da mais remota cultura e civilização Indianas. Muito resumidamente, temos de ter em consideração que estes *mantras* surgem numa sociedade sem escrita e, portanto, oral, sobretudo pastoral, admiradora e dependente do cavalo, e cujos membros (os que criavam e faziam uso dos *mantras*) se consideravam a si mesmos Aryas ou «nobres». Nunca é demais recordar que ainda que este «sentimento de nobreza» que a civilização védica imprimia a si mesma pudesse ser utilizado como diferenciação qualitativa das demais culturas ou dos demais grupos sociais, este era um sentimento estritamente moral, pois sabiam, ou pelo menos acreditavam, que possuíam os meios necessários (presentes nos *mantras* Védicos) para que a humanidade lidasse e se libertasse da sua condição miserável e inferior, alcançando-se assim uma posição (interior) superior, i.e., elevada e nobre. No entanto, se quisermos considerar os Aryas como uma elite social, devemos procurarvê-los mais como uma elite elitizante do que como uma elite elitista, no sentido em que transmitiam

e propagavam uma doutrina que haveria, num futuro mais ou menos distante, de pertencer a todo o homem, levando-o a encontrar a sua própria nobreza interior, ainda que fossem levados a protegê-la, em segredo, do contágio do profano.

Este mundo Védico era entendido como bom e solidário apenas por este motivo, por representar um palco de experiências necessárias à elevação moral e espiritual do homem através da posse de um conhecimento ancestral. Mas este conhecimento e transformação da humanidade dependia de poetas inspirados, que por serem capazes de captar as mais poderosas verdades, as transmitiam por meio de palavras, poderosas na via de exposição escolhida e no significado, que era mais ou menos evidente. A literatura oral destes sacerdotes-poetas, capazes de captar e de transmitir as ideias de uma forma directa, recebeu o nome de *veda*, «visão» ou «conhecimento», daí termos dado à sua língua Indo-Europeia o nome de Védico ou Sânscrito Védico, aquele que é veículo deste conhecimento. Uma das maiores dificuldades que temos, fruto da distância temporal e conceptual, está em sermos capazes de distinguir as

diferentes designações do poeta. Estes são chamados *rishi*, *kavi*, *muni* e *vipra*. É óbvio que na sua época seriam tipos de poetas diferentes, mas é-nos hoje praticamente impossível distingui-los. As várias tentativas feitas, sempre insatisfatórias, permitem defini-los de uma forma genérica, onde o *kavi* é aquele que entra em contacto com o mundo divino, tal como o *rishi*, com a diferença de que o primeiro não é necessariamente um sacerdote, e o segundo o é. O *muni* é um asceta. O *kavi* é o poeta que, por possuir um conhecimento esotérico, vê com o seu olho mental aquilo que está oculto para os outros. Por sua vez, o *vipra* é aquele que vibra, ferve e experimenta a verdade pelo entusiasmo.

No entanto, aquilo que os define é também o que os confunde, pois todos entram em contacto com o mundo divino, todos cumprem uma acção «sacerdotal», todos vibram com a verdade e todos possuem este conhecimento que é esotérico e oculto para os demais.

Por outro lado, a autoria dos poemas e dos *mantras* é-nos sempre confusa pela grande unidade e continuidade que encontramos na sua produção, e pelo facto dos poemas serem sempre uma transferência hierárquica de um plano superior para um plano inferior. Em todo o caso, não importa quem recita o *mantra*, mas sim o *mantra* que passa por ele, já que o poeta é entendido como um veículo para o mesmo.

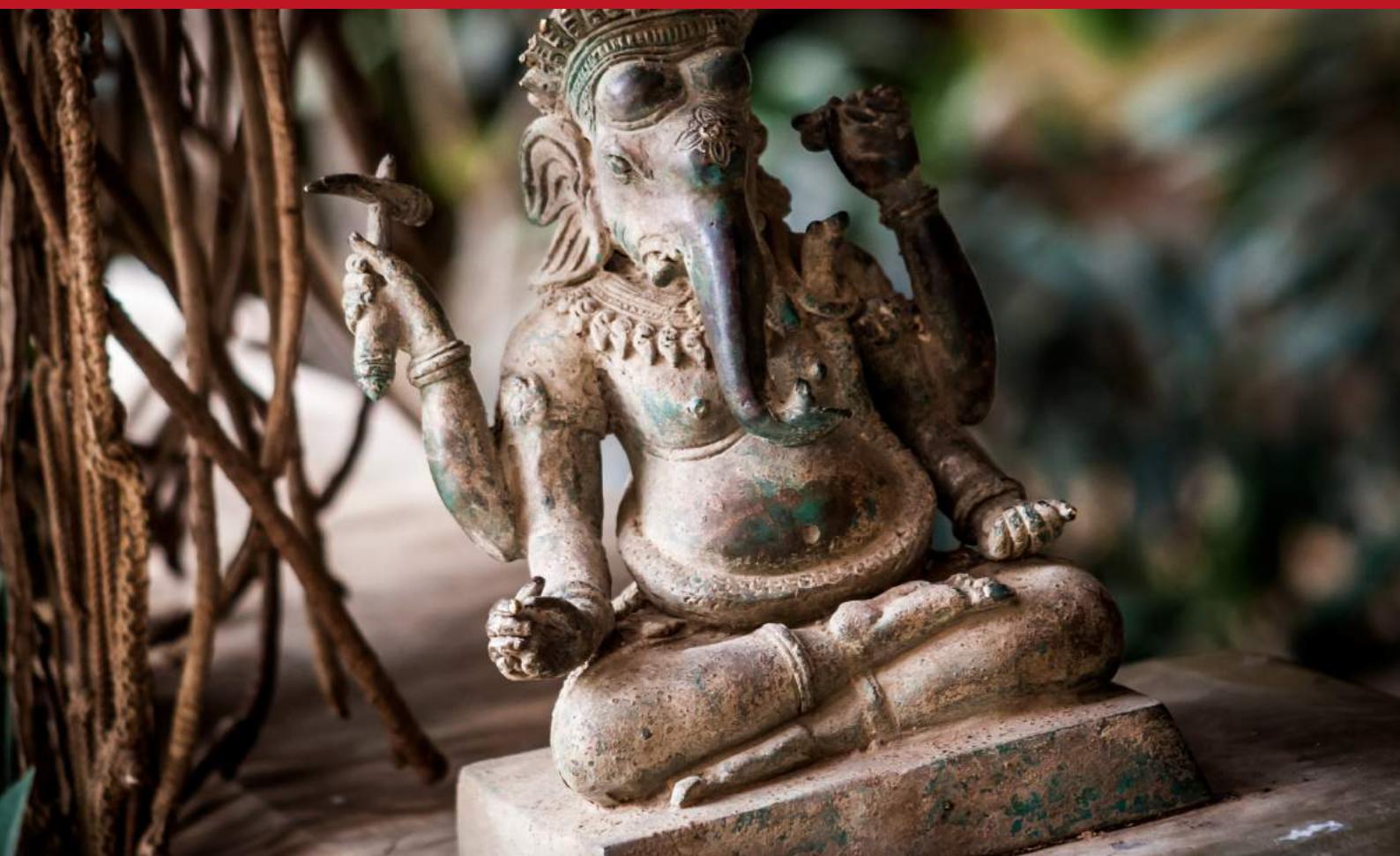
Isto não quer dizer que os poetas-videntes não sejam exaltados e individualizados ocasionalmente em alguns hinos (e.g., Rigveda 3.53.15-16). Os *mantras* nascem assim como expressões criadas por poetas inspirados, que eram depois utilizados em rituais que conferiam poder e visão sobre os seus participantes. A par disto, são várias as personagens divinas que encarnam os sons utilizados durante o ritual, como *Brihaspati*, *Brahmanaspati*, *Vacaspati* e *Vac*. Destas quatro divindades aquela que se foi destacando mais foi a figura de *Vac* enquanto «apoteose do feitiço» e «exaltação do som mágico». A relação que a palavra tinha com o coração, que representava o seu centro e origem, deu lugar à articulação da deusa do discurso, *Vac*, com a vaca (*gauri*), que representa na palavra a mediadora entre o invisível e o mundo dos homens, responsável por alimentar (transmitir) a visão e o discurso.

Esta relação entre *Vac* e *gauri* está subentendida na deusa *Dhiṣṇa*, personificação da inteligência do discurso, da amamentação e da inspiração poética, e cujo nome é comparável a um dos epítetos do planeta Vénus, *dhishnya*, o «piedoso». A palavra feminina *Vac* é equiparável ao Grego Lógos, ambas com o significado de «discurso». A *Vac-mulher* e a *Vac-palavra* foram tratadas pela mitologia Indiana de forma semelhante, enquanto procriadora, sedutora e destruidora, em suma, como inspiração e criação.

O *Mantra* começou por ser o nome dado a qualquer porção do *Rigveda* que fosse utilizada como prece ou fórmula mágica. Esta ideia desenvolveu-se àquela de frase ou aforismo repetidos para que a atenção humana se concentrasse nela, durante um processo ao qual podemos chamar de meditação. Ganhou igualmente o sentido de frase poderosa que, através da sua repetição mental ou verbal, geraria determinados efeitos, relacionados com o conteúdo do *mantra*, mas sobretudo, com seu significado oculto. É também um som, uma palavra ou uma fórmula frásica associada a determinada força mental, religiosa ou oculta, que proporciona o contacto de quem a pronuncia com o aspecto divino que veicula.

Parece, no entanto, haver pouca relação entre os *mantras* védicos e os da tradição posterior, já que os primeiros geraram um *corpus* poético original e complexo, enquanto que os seguintes foram repetições e reformulações. Ainda assim, pode-mos encontrar alguma continuidade no facto dos primeiros nascerem da intuição poética (*dhi-*) dos poetas, com a finalidade de conhecer, controlar e influenciar as divindades e os poderes do cosmos, e dos seguintes servirem para controlar os poderes do homem e do cosmos, bem como proporcionar algum tipo de experiência religiosa.

Outro dos aspectos que demonstra a continuidade do uso dos *mantras* desde a época védica, é a sua exactidão gramatical e fonética, bem como o ênfase e o ritmo, responsáveis pela sua eficácia. A falha num destes requisitos transforma o *mantra* numa arma «mortífera» que se vira contra o seu recitador. Daí ser um acto exclusivo da nobreza, i.e., daqueles que alcançaram um nobreza interior, onde já não há lugar para o egoísmo nem para as tendências da personalidade.



Qualquer um que faça, nos nossos dias, uso destes *mantras* sem ter alcançado esta nobreza interior está, em boa verdade, a brincar com o fogo. Por outro lado, salvo no caso da transmissão directa, nós só repetimos aquilo que não compreendemos verdadeiramente, ou que ainda não incorporámos totalmente. Portanto, é bom recordarmos que a repetição daquilo que não conhecemos e que não compreendemos pode tornar-se negativo, pois quando queremos que uma criança aprenda, deixamo-la brincar com tudo aquilo que lhe seja inofensivo e que lhe outorgará um poder no futuro, mas não a deixamos entrar dentro de um tanque de guerra, para que dispare mísseis ao acaso, não lhe damos armas para que, pela repetição, atinja alguma sabedoria, pois o mais provável é que se fira e fique impossibilitada de aprender o que quer que seja. Julgamos, pois, que fica clara a nossa posição, não falamos de *mantras* para encorajar a sua repetição isenta de significado e perigosa, mas sim para encorajar a capacidade de raciocínio e de visão que todos possuímos.

Pois, mais do que uma palavra, a intuição poética é expressada sobretudo pelo verbo *dhi-*, que tem o significado de «visão», enquanto faculdade sobrenatural, própria dos videntes, de «ver» com a mente as coisas como elas são, de adquirir um conhecimento directo e «repentino» da verdade, dos poderes divinos e da relação dos homens com os mesmos. No mesmo campo semântico que o verbo *dhi-* encontramos os derivados de *man-*, como *mantu* «pensamento intencional», mas também *mati*, *manman* e *mantra*, todos com o sentido de produto «material do pensamento» ou do «sentimento inspirado» do poeta.

O pensamento indiano não faz uma distinção clara entre os (três) tipos de visão, como tal coloca-os em sequência numa continuidade natural, que vai da visão física à visão poética e desta à visão divina. A mesma continuidade é demonstrada na relação dos homens ordinários com os videntes e destes com os deuses, algo que podemos igualmente substituir pela continuidade discípulo-mestre-deus.

Isto permite-nos compreender que os *mantras* não eram necessariamente captados devido a uma visão diferente ou alterada, mas sim por uma «elevação» dessa mesma visão. Depois desta «imagem» ser captada pela visão, ela era transmitida pela apreensão mental própria de cada vidente e por meio de metáforas, que podem dividir-se em três estados contínuos: o poder que a visão tem de a captar; a luminosidade que permite identificá-la; e o local oculto e interno onde esta se encontra. Que Gonda resume no seu conceito do «lampejo da introspecção».

Os poemas do *Rigveda* são chamado *mantras* pelo menos desde o séc. VIII a.C., no *Shatapatha-Brahmana* (1.31.28) e já possuem aquilo que melhor define um *mantra*: são textos eficazes. Para termos uma noção do uso do *Rigveda* como um conjunto de *mantras*, podemos observar a obra *Rigvidhana*, já que é uma exposição prática para o uso mágico dos *mantras* no quotidiano. A crença na eficácia dos *mantras* é algo comum à cultura Indiana, tanto no passado como no presente, pois para esta os *mantras* são reais e palpáveis, são ferramentas mentais que devem de ser consideradas sagradas, podem ser dominadas e bem, ou mal, utilizadas. Ainda que sejam utilizados em contexto religioso, os *mantras* não se esgotam nele. Um texto político, económico e militar como o *Arthaśāstra* (séc. IV a.C.) refere a importância dos *mantras* como instrumentos que permitem compreender o que permanece invisível e inalterável, fortalecer a compreensão daquilo que é visto, remover a dúvida e a parcialidade.

Outro texto, o *Rajatarangini* (séc. XII), refere *Mantrikas* (encantadores) que protegiam as plantações, por exemplo. O *mantra* foi, portanto, assumindo ao longo da História todo o tipo de função, adaptando-se a variadíssimos contextos. Isto levou os académicos a crer que recitar um *mantra*, tal como hoje o compreendemos e seja que *mantra* for, é o mesmo que recitar outra coisa qualquer. A tradição Indiana, por outro lado, vê no *mantra* algo totalmente oposto, onde o *mantra* é um instrumento de poder, com um propósito muito específico e que deve de ser usado de maneira igualmente específica. Por algum motivo, isto fez com que todos os *mantras*, fossem ou não *mantras*, começassem a diferir entre si e que cada letra do alfabeto ganhasse o direito de ser tratado como um *mantra*.

Esta transformação da palavra que encontra poder no significado em palavra que encontra poder no som existe já no mantra védico, mas os seus usos foram amplamente exagerados devido à proliferação ocasional de diferentes tipos de «iniciação» (*diksha*) que nada tiveram que ver com a iniciação original na ciência dos *mantras*. Onde os «discípulos» colecionam «iniciações» e «mestres», como quem coleciona souvenirs.

Bharati, ao referir o que acabámos de ver, cita uma crítica, ainda assim simbólica, presente no *Skandapurana*, onde existiu certa vez um monge que teve trinta e três iniciações, dadas por trinta e três mestres, um dos quais era um corvo. Isto desvenda em si uma verdade, que é a da nossa ignorância. Por um lado, o excesso de racionalismo protege-nos da boa ou má utilização do *mantra*, por outro, a devoção cega deixa-nos desprotegidos e à mercê dos efeitos das nossas acções.

Uma das maiores dificuldades de compreendermos o *mantra* dá-se quando o tentamos equiparar à oração no Ocidente. Como a oração Ocidental é uma conversa com Deus, na forma de súplica ou de adoração, nem sempre é possível compreendermos como é que uma história narrativa pode servir de oração no Oriente, e menos ainda quando esta é impessoal, prática e aparentemente «irracional».

O *mantra*, ou a ciência dos *mantras* (*mantrashastra*), pode e deve ser primeiro definido de acordo com o seu significado. A palavra *mantra* em Sânsrito significa literalmente «instrumento do pensamento», derivado do Proto-Indo-Europeu *men- «pensar». É formado pela raiz verbal man- «pensar», «reflectir», «imaginar», etc., e pelo sufixo -tra, formando um substantivo neutro que designa o instrumento que cumpre a acção do pensamento, como «aquilo que produz o pensamento», «que guia o pensamento», etc. Como na palavra *kshetra*, formada por *kshe-* «possuir», «habitar» e pelo sufixo -tra, com o sentido final de «terreno», «campo», etc. A raiz *man-*, que encontramos em *mantra*, mas também em palavras relacionadas com o pensamento introversivo como *mati*, *manas*, *manisha* e *manman*, refere-se mais a uma contemplação do divino do que a um pensamento concreto.

Neste sentido, é de todo útil separar esta ideia de um pensamento contemplativo daquela que descreve um pensamento mundano, menos associado com esta mente que tende às coisas divinas (*manas*) do que com aquela mente que tende aos desejos e às paixões (*kamamanas*). *Mantra* significa, em primeiro lugar, «hino sagrado»,

Neste sentido, podemos compreender um *mantra* como o nome que foi primeiro dado a fórmulas, versos, sequências de palavras e hinos, de eficácia mágica, religiosa ou espiritual, que são recitados, segredados, visualizados mentalmente ou cantados durante um ritual, mas que por possuírem uma vertente moral prática, uma «conduta fixa» ou «vertical» (*dandaniti*, composto formado por *niti* «conduta» e *danda* «haste vertical»), passou também a designar um conselho, projecto, plano ou segredo.

O facto da palavra *mantra* estar tão relacionada com o pensamento quanto com a palavra, levou Panini a relacionar a *man-* «pensar» com a *mna* «falar», o que nos permite compreender *mantra* também como «instrumento da fala», mais concretamente, a forma de leitura dos textos sagrados. O sentido original do sufixo *-tra* não terá sido aquele de «instrumento para», mas sim o de partícula do particípio passado, ou seja, «[aquilo que foi] pensado», «[aquilo que foi] dito», como em *tantra* «[aquilo que foi] esticado», «desvelado», etc., logo, é a exposição de uma ideia que alguém pensou (captou) por nós, um ditado ou um costume dos Antigos. Por outro lado, o *mantra* manteve-se como um instrumento (-tra) de uma actividade expressa pela raiz verbal *man-*, como tal expressa um instrumento para a percepção mental, para uma ideia bem elaborada, mas também é um instrumento que auxilia o poeta a dar continuidade à sua reflexão, daí a ideia de «repetição», regressar e beber uma vez mais da fonte.

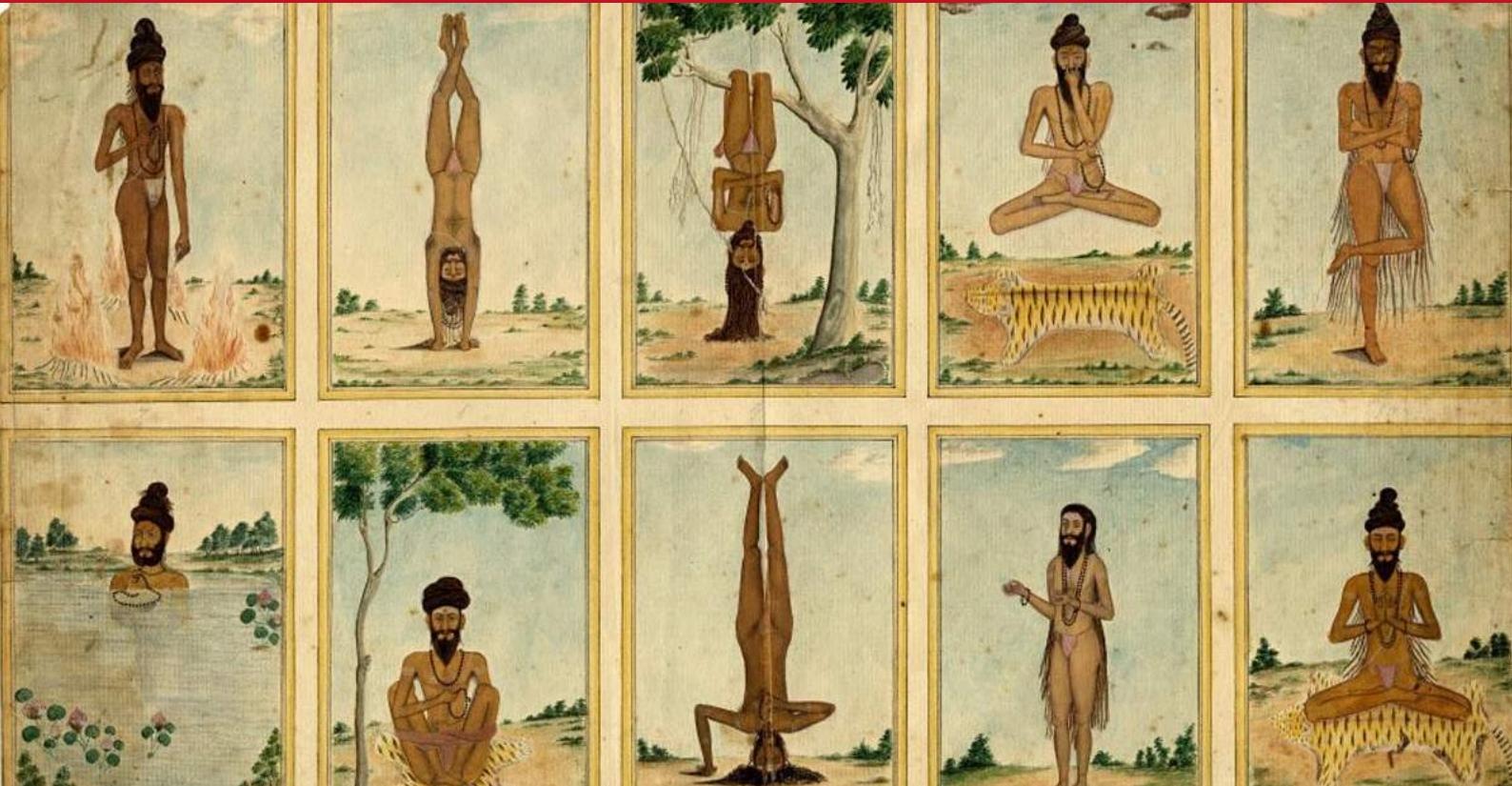
Ainda com o mesmo sentido de «ferramenta para», ser-nos-á útil, enquanto filósofos e analogistas por natureza, considerarmos alguma palavras derivadas da raiz verbal *man-*: *mati* «pensamento», «memória»; *manana*, «pensativo»; *manana*, «deliberadamente»; *manasa*, «mente», «coração»; *manas*, «mente»; *manaska*, «pouco inteligente»; *manashyu*, «desejar»; *mana*, «devoção»; *manana*, «devoto»; *manayu*, «desejoso»; *manisha*, «pensamento», «conceito»; *manu*, «pensamento»; *manus*, «homem»; *manojava*, «velocidade do pensamento»; *manotr*, «inventor»; *mantu*, «conselheiro»; *mantri*, «pensador»; *mantra*, «fórmula»; *mantri/ mantrin*, «ministro»; *mandhatri*, «sério»; *manman*, «compreensão»; *manyā*, «achar», «considerar»; *manyu*, «mente»; *manvantara*, «idade de Manu»; *mana*, «opinião»; *√mna*, «repetir»; *sumati*, «boa mente»; *sumna*, «benevolência». E daqui apreendermos várias aplicações possíveis.

Por outro lado, um *mantra* é formado de acordo com um padrão específico, está baseado em tradições esotéricas codificadas e passa de geração em geração no decurso de uma iniciação prescrita. A fonte de poder de um *mantra* advém da acessibilidade e da introspecção eloquente do poeta nos mistérios divinos, de onde nascem os hinos Védicos. Vários nomes podem ser utilizados em substituição do termo *mantra*, com o significado de hino, oração, bem como sons ou palavras potentes. Como *brahman*, *stobha*, *bija*, *kavaca*, *dharani* e *yamala*, o que faz com que a própria palavra *mantra* acabasse por ganhar um significado amplo e por vezes impreciso. Os *mantras* Védicos tendem a ser de uso quotidiano e linguístico enquanto que os *mantras* Tântricos tendem a ser redentores e alinguísticos. ▲

(Fim da primeira parte. Continua no próximo número.)



Om mani padme hūṁ



YOGA: A CIÊNCIA DA ALMA

ORIGINALMENTE PUBLICADO NA REVISTA *THE PATH* DE AGOSTO DE 1892.
TRADUÇÃO DO AGNIMILE: CÍRCULO DE ESTUDOS ORIENTAIS

Por G. R. S. Mead (1863 - 1963)

samatvam yoga ucyateo

Yoga é chamado equanimidade

BHAGAVADGĪTĀ 2.48D

Assim deverás estar em perfeita harmonia com tudo quanto vive e respira; dirigindo-te aos Homens com amor como se eles fossem teus condiscípulos, discípulos de um Mestre, e filhos de uma doce mãe.

A VOZ DO SILÊNCIO, H. P. BLAVATSKY

Desejo falar-vos com a maior simplicidade possível a respeito da mais importante ciência do mundo – a ciência da alma – chamada *Yoga* em Sânsrito. Provavelmente alguns de vós poderão não saber que o actual e restrito significado da palavra «ciência» só foi moda por um breve momento dos períodos temporais das eras, e que «ciência» entre os Antigos antepassados da nossa raça Ária [i.e., Indo-Europeia] significou algo mais do que o simples uso cuidado e inteligente dos nossos cinco sentidos, auxiliado de instrumentos mecânicos.

Actualmente, no Ocidente, a afirmação de que o conhecimento é atingível não só através dos cinco sentidos é vista como uma impertinência ignorante pelos altos pelos altos sacerdotes da ciência e pelos

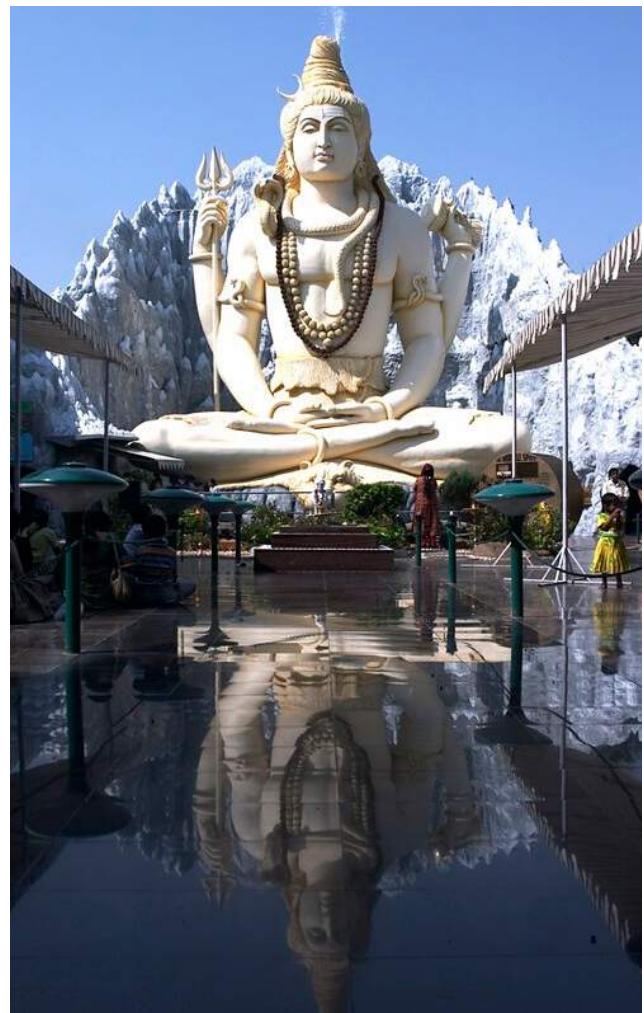
devotos; mas na medida em que todos nós dêmos inevitavelmente a honra devida ao escrutínio admiravelmente paciente e meticuloso que resgatou o Ocidente das garras de um pesadelo eclesiástico, temos também de aprender que o recentemente estabelecido papado da moderna ciência é o vigia das nossas almas e o ditador da nossa existência espiritual. Em oposição à sempre crescente negação que vai obscurecendo os ideais e paralisando as intuições dos Homens, mulheres e crianças de hoje, o actual movimento Teosófico, pelo seu próprio título, afirma numa entoação invariável que o conhecimento real deve ser adquirido; que o Homem é, por um lado, algo mais do que um animal de cinco sentidos e, por outro, que não necessita de esperar que a morte lhe feche as portas e assegure as coisas espirituais.



George Robert Stowe Mead (22 de Março de 1863 - 28 de Setembro de 1933) foi um escritor, editor, tradutor, esoterista e um influente membro da Sociedade Teosófica. Nasceu em Nuneaton, Warwickshire, Inglaterra numa família de militares e estudou no The King's School em Rochester e no St John's College em Cambridge. Mead tornou-se membro da Sociedade Teosófica em 1884. Ele deixou o magistério em letras em 1889 e tornou-se o secretário pessoal de Helena Blavatsky, o qual permaneceu até a morte dela em 1891. Durante este tempo foi também editor assistente da revista teosófica mensal Lucifer. Quando se tornou o editor renomeou-a para The Theosophical Review. Após a morte de Blavatsky, inconformado com os rumos que a Sociedade Teosófica estava a tomar sob a presidência de Annie Besant, veio a sair desta, assim como vários outros teósofos. Após a saída fundou a Quest Society e a revista The Quest para continuar os seus estudos esotéricos. Posteriormente, Carl Jung fez-lhe uma visita para agradecer as suas traduções de documentos gnósticos.

A antiquíssima ciência da alma afirma que o Homem é um ser imortal, divino e espiritual, cujo tabernáculo carnal não passa de uma estadia ou prisão temporárias; que os seus sentidos físicos, longe de serem os seus únicos meios de conhecimento, são quase sempre invariavelmente amarras auto-impostas que o agrilhoam no seu calabouço apertado, onde, de facto, da forma mais miserável, irá morrer, não o tivesse libertado misericordiosamente o sono [Hipno], o irmão mais novo da morte [Tânato], durante a noite e o levado por um momento de volta à sua morada da liberdade. Mas aquele que começou a aspirar pela libertação desta escravidão, começa simultaneamente a ver a natureza ilusória da prisão e dos grilhões do corpo; a forma com que estes nos privam do nosso bom senso, e nos fazem considerar a prisão como a um palácio e os grilhões como coroas de flores de perfume adocicado. Enquanto lunáticos no asilo dos sentidos, que é o que somos, poucos de nós chegam alguma vez a contemplar o facto da varinha mágica do sono transformar um terço das nossas vidas num vazio impenetrável, e que a morte, essa grande condutora de almas, pode a todo o momento colocar-nos a mão sobre o ombro.

Na maioria das vezes, se um Homem chegasse de todo a pensar, ele observaria o sono com admiração e a morte com respeito. O sono e a morte guardam dois portais. Através de um, o Homem passa e repassa diariamente num desmaio; através do outro, ele passa para não mais voltar. Em todo o caso, assim nos parece. É verdade, isto parece ser assim; mas a ciência da alma não lida com parecenças, esta deixa as aparências para o domínio dos cinco sentidos e da mente cerebral, e concentra o seu estudo nas realidades e no conhecimento directo. O Yoga nega que o sono seja um vazio e a morte o fim da existência; este defende a possibilidade do conhecimento dos mistérios do sono ao despertar e dos mistérios da morte em vida; e diz-nos que as portas do sono e da morte podem ser passadas e repassadas com plena consciência. Este Yoga, ou ciência da alma, é tão preciso e exacto no seu procedimento quanto os nossos mais rígidos métodos científicos; mas ao passo que a ciência física lida com fenómenos físicos, a ciência psíquica lida com a alma das coisas. Os Mestres do Yoga afirmam da forma mais definitiva e firme que a existência, natureza, vida e história da alma tem sido e pode ser exacta e rigorosamente demonstrada e comprovada no seu próprio domínio tal como o mais conhecido facto científico, assim chamado, no universo natural.



Templo hindu de Shiva Mandir em Bangalore

A negação por parte desses ignorantes sobre o tema, e os uivos da imprudência por provas físicas e objectivas daquilo que é pela sua própria natureza imaterial e subjectiva, não podem ter um verdadeiro peso para o estudante. A vulgaridade intelectual e a astúcia barata não poderão enfraquecer mais a realidade eterna da natureza espiritual do Homem imortal, do que cuspir ao sol possa afectar o deus do dia.

E agora, qual é o significado do Yoga? Foram-lhe dadas muitas definições, e claro que esta mesma ciência foi chamada por outros nomes, em tempos diferentes, por diferentes culturas, em várias línguas. Este é um tema repleto de tecnicidades, pois existe uma vasta literatura que o trata com clareza e da forma mais técnica, e, num sentido mais amplo, todas as Escrituras Sagradas do mundo são manuais desta ciência.



Ascetas perante o templo de Shiva. Página de um manuscrito de Kedara Kalpa, aprox. 1815, atribuído ao culto de Purku na Índia, estado de Himachal Pradesh (antigo reino de Kangra). Cor de água opaca em papel. Walters Art Museum, Baltimore, Maryland, W. 859.

No presente artigo, contudo, todas as tecnicidades serão evitadas, e por isto mesmo tomei a liberdade de definir o Yoga como ciência da união do Homem com a origem do seu ser, com o seu verdadeiro Eu. Verá imediatamente o leitor que a reivindicação da nossa ciência é a do conhecimento directo. Não quer isto dizer que o estudante se torne imediatamente omnisciente, ou que obtenha, de um só salto, o total conhecimento das coisas em si mesmas. De modo nenhum. O caminho do conhecimento puro é um caminho longo e árduo, de uma auto-disciplina severa e de um esforço generoso e infatigável. Mas o caminho eleva-se numa montanha, e assim a visão estende-se de tal forma, que cada passo sucessivo conquistado é da natureza do conhecimento directo, se comparado com os estados anteriores. Neste momento, somos como Homens que mantêm os seus olhos tenazmente fixados no chão que têm a seus pés, que ainda nem sequer olharam para o universo visível tal como ele é. Existem múltiplos estados de conhecimento da alma, imensuráveis degraus de união com o Eu, pois finalmente este Eu é o EU Único de tudo quanto foi, é e será.

Seria presunção minha imaginar que toda a gente concordará comigo nas minhas definições, e naturalmente todos são livres de encontrar palavras melhores e mais apropriadas para revestir as ideias de acordo com a sua competência. Existe, contudo, uma necessidade que se abate sobre todos os Homens nas suas repetidas errâncias na terra, «uma necessidade que a alma tem de extinguir-se no infinito», tal como foi dito, e o gélido frio da negação não pode amenizar o fogo deste desejo divino, nem pode a actuação superficial de qualquer religião de boca satisfazer este ardor.

Esforçando-me por dar alguma ideia sobre o que é a ciência prática do Yoga, encontro-me em desvantagem para transmitir o meu objectivo devido à pobreza da nossa linguagem comum na adaptação desta terminologia. Todos nós já falámos alguma vez acerca da alma, da mente e da consciência, mas poucos de nós têm algum conhecimento sobre a infinitade de ideias que cada um destes termos implica.

Neste artigo, a alma deve ser entendida como significante de toda a natureza do Homem à parte do seu corpo físico, a mente como o princípio pensante, e a consciência como todo o limite do Homem, todo o seu ser. A mente é o pensador, o princípio auto-consciente no Homem, os recursos do seu conhecimento. É este o princípio, portanto, que é tanto o conhecedor quanto o seu instrumento no Yoga.

Esta mente é geralmente distinguida em dois aspectos para que se tenha uma compreensão mais clara. Provavelmente estes serão mais facilmente compreendidos como o «eu sou» e o «eu sou eu» no Homem, ideias que são geralmente empregadas pelos autores Teosóficos para distinguir a individualidade da personalidade. A personalidade é a soma de todas essas impressões, como são chamadas no Oriente, que formam a nossa consciência quanto ao sermos esta ou aquela pessoa em particular, quanto ao sermos o actor e a vítima em todos os eventos da vida. Tudo o que fazemos, ou dizemos, ou pensamos deixa uma impressão no nosso carácter, quer sejamos conscientes disso ou não; e uma impressão uma vez induzida na nossa natureza plástica tende a repetir-se por si mesma mecanicamente e a formar hábitos que, como sabemos, se tornam instintivos. Se as impressões são más, forma-se um hábito perverso. A soma de todas estas impressões é chamada de personalidade, ou, para fazer uso de outra analogia, as vibrações despertadas pelos nossos actos, palavras e pensamentos inseparáveis da nossa natureza plástica, numa escala ascendente de subtileza e rapidez, de acordo com o seu plano de acção, até àquelas de substância invulgar que somos actualmente capazes de conceber, e que provavelmente podem ser chamadas de objectos do pensamento, já que este aspecto inferior da mente é substancial, senão material.

O aspecto mais elevado da mente, pelo contrário, a individualidade, ao qual eu chamei de «eu sou», é de uma natureza divina e espiritual. Esta não é substancial, mas sim uma essência espiritual pura, divina, imortal, imemorial; esta não morre, nem ganha vida, mas é por todas as idades.

Agora, a mente inferior é sempre vacilante e variável, extraviando-se para as coisas dos sentidos; esta é um Mazepa^[1] agrilhoado pelas mãos e pelos pés ao cavalo da paixão e do desejo.

No Oriente, é chamado órgão interno para o distinguir dos órgãos externos, e temos primeiro de aprender a libertá-lo das suas amarras antes de que possamos pôr os nossos pés no primeiro degrau da escada do verdadeiro conhecimento.

As incessantes mudanças que ocorrem na mente inferior são chamadas modificações do órgão interno; e estas têm de ser mantidas pelo punho firme da vontade espiritual desperta e tornada imóvel, se de facto pretendermos alcançar algum sucesso na ciência do Yoga.

Imagine o leitor uma folha de papel com algo escrito sobre ela, amarrrotada numa bola, girando tumultuosamente na calha de um moinho. Tal é a mente inferior em cada um de nós. E se quisermos ler a escrita que nos relata o mistério da vida, temos primeiro de resgatar a bola de papel da calha do moinho das paixões, e depois desamarrotar cuidadosamente o papel por forma a alisar os vincos que nos impedem de ler o que lá está escrito, para que, por fim, possamos aprender sobre o de onde e o para onde da nossa peregrinação.

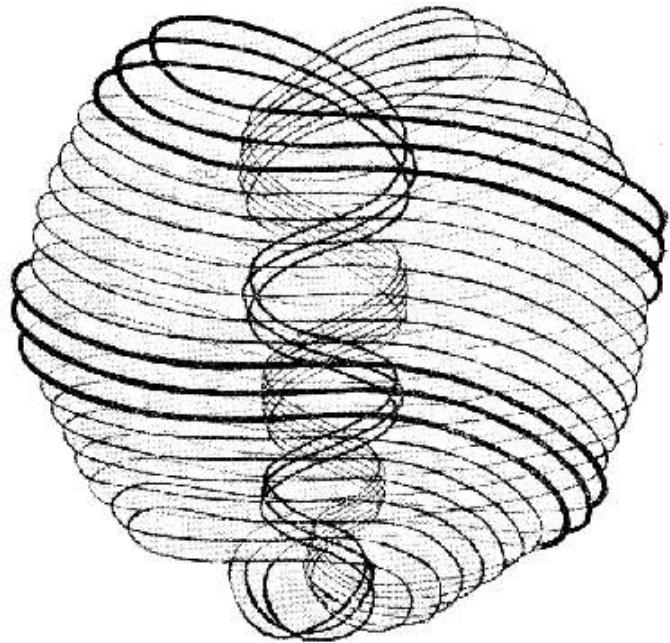
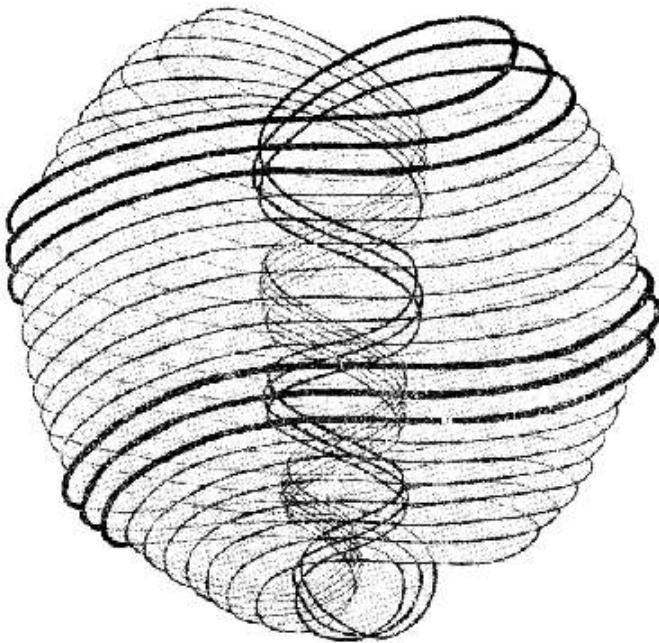
Uma analogia frequentemente utilizada nas obras Orientais, a respeito da mente superior e inferior, é aquela da lua reflectida nas ondas de um lago. Quanto mais a superfície está agitada, mais a lua será vista apenas como reflexo quebrado e instável, e não antes que desapareça toda a ondulação é que será reflectida uma verdadeira imagem do Homem divino nas nossas almas.

Mais uma vez, a mente inferior é como um espelho de metal coberto de pó e ferrugem; e até que estes sejam removidos nenhuma imagem será vista; ou, novamente, a mente deve ser tão firme quanto a chama de uma lamparina num local protegido de todos os ventos. ▲

Fim da primeira parte. Continua no próximo número.

Nota:

[1] Ver Lord Byron, Mazeppa, 1819. (N. do T.)



Descrição dos "átomos últimos" do plano físico, segundo o livro Occult Chemistry de Annie Besant e Charles Leadbeater

LIÇÃO DE BUDA SOBRE O TAMANHO DOS ÁTOMOS

Por José Carlos Fernández

*"Vou-te medir quantos átomos de sol
Existem nas extremidades de um yojana.
Então, rápida e habilmente, o pequeno
príncipe
Explicou o total de átomos reais.
Vishvamitra ouviu-o espantado
E ele disse olhando para o rosto da criança:
Tu és o professor dos teus professores; tu e
não eu
És um guru. Oh, eu te adoro, doce
príncipe!"*

A LUZ DA ÁSIA, EDWIN ARNOLD

Quando lemos este fragmento no excelente poema A Luz da Ásia, de Edwin Arnold, sobre Buda, pensamos que a medida que ele dá sobre os "átomos do sol" - e sobre as potências de dez que a matemática chama de "grandes números" e os Hindus antigos de "lotos" - são simbólicos ou, em última análise, todo o conhecimento da Índia antiga se baseia em superstições estranhas. Atordoados, lemos o trabalho do matemático, teólogo e poeta védico Subash Kak [1], no qual ele demonstra, por um comentário dos Vedas do século X, que os Brahmanes - ou pelo menos quem escreveu o texto, Bhattacharya - conheciam a velocidade da luz com incrível precisão.

De onde eles tiraram esse conhecimento, com que metodologias?

No seu livro Números Notáveis, o matemático Lamberto García del Cid fala-nos do número 108.470.495.616.000 e diz que é o número com o qual Siddhartha Gautama, o futuro Buda (desde criança) responde à pergunta do matemático Arjuna de quantos átomos alinhados formam um yojana (a distância do avanço do exército

real em um dia e estimado em cerca de 14,6 km). Ele não diz isso, mas o texto em que se baseia pertence ao *Lalita Vishtara Sutra*, que é um dos grandes clássicos sobre a vida de Buda, na tradição *Mahayana*.

O surpreendente é que, quando fazemos a operação (dividindo um *yojana*, 14,6 km, pelo número indicado pelo Buda, 108.470.495.616.000), isso nos dá uma medida de $1,34 \times 10^{10}$ metros, ou seja, 1,34 Angstrom. Quando a medição do átomo de hidrogénio (“um átomo do sol”) é, aproximadamente, de acordo com nossa comunidade científica, 1×10^{10} metros, ou seja, 1 Angstrom. Ou seja, esse número de átomos alinhados efetivamente dá-nos a distância de um *yojana*!

QUANTO CONHECIMENTO ADMIRÁVEL E INEXPLICÁVEL!

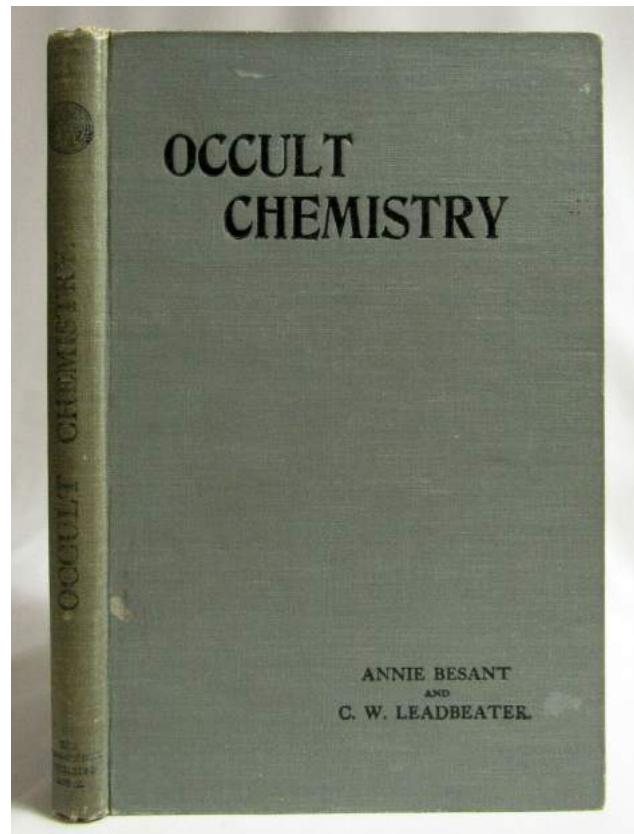
E não menos surpreendente é ir ao *Vishnu Purana* e ver que o termo com o qual eles designam a unidade indivisível, ou átomo, que é *Paramanu*, mede $1,5 \times 10^{15}$ metros, e a medição do núcleo atómico é precisamente – de acordo com a Física Atual Nuclear – $1,7 \times 10^{15}$ metros. Ou seja, é uma medida, como a anterior, quase idêntica.

Que instrumentos a Ciência Védica usou? A visão interior, como nos contam os *Rishis*, com a qual examinaram os interiores, não apenas da matéria, mas de qualquer matéria que eles quisessem estudar? Foi assim que nasceu a Doutrina Secreta, comentada por H. P. Blavatsky, a síntese da soma de todo o conhecimento acessível à mente humana e compilada em milhares de volumes em bibliotecas ocultas em criptas subterrâneas? Lembre-se das experiências desse tipo de Annie Besant e Leadbeater que refletiram no seu livro *Occult Chemistry*, em 1908. E esses personagens eram discípulos, não sábios perfeitos, muito menos, portanto imaginamos que a visão interior deles não deveria estar totalmente focada.

O sábio perfeito é aquele que, como diz o texto místico “Voz do Silêncio”, do budismo Vajrayana:

“Se ergue como uma coluna branca em direção ao Ocidente e, de frente, o sol nascente do pensamento eterno derrama suas primeiras e mais gloriosas ondas. A sua mente, semelhante a um mar calmo sem fronteiras, estende-se pelo espaço sem limites. Na sua poderosa mão direita, ele tem a vida e a morte”.

- A Voz do Silêncio, H. P. Blavatsky



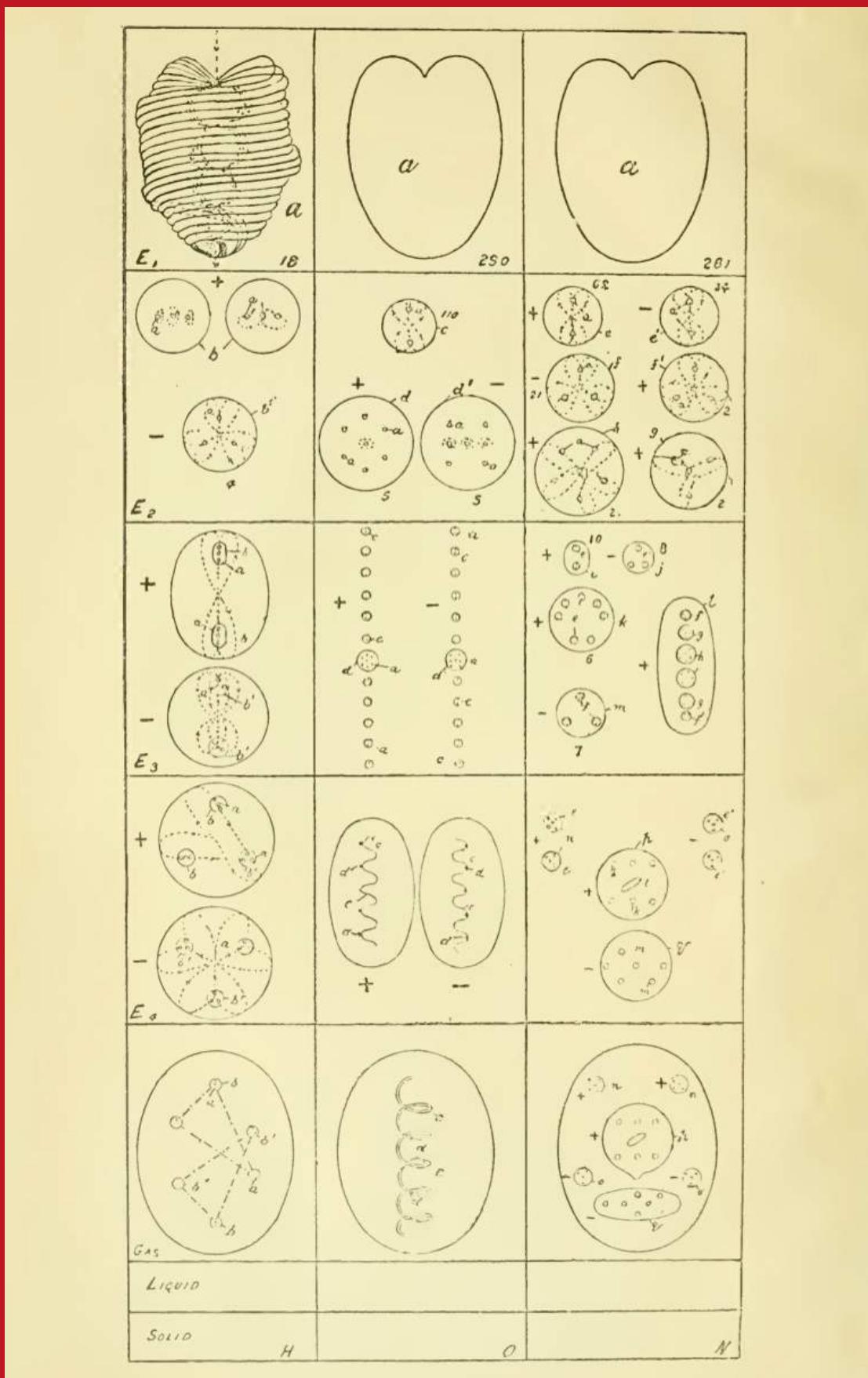
Primeira edição do livro Química Oculta, de Annie Besant e Charles Leadbeater

E também é ele quem

“ajuda a Natureza e trabalha com ela, e a natureza o considera como um dos seus criadores e lhe obedece. E diante dele abrirá as portas de seus recintos secretos e revelará diante dos seus olhos os tesouros escondidos nas profundezas do seu seio puro e virginal. Não poluído pela mão da matéria, ela mostra os seus tesouros apenas aos olhos do Espírito, um olho que nunca se fecha e para o qual não há véu em todos os seus reinos.”

- A Voz do Silêncio, H.P. Blavatsky

Francis Aston (1877-1945), descobridor dos isótopos, ao estudar o néon – e pelo qual ganhou o Prémio Nobel de Química em 1922-, fê-lo estudando ansiosamente este livro de Química Oculta, de visão intra-atómica por métodos clarividentes. Ele próprio afirmou isso nas primeiras entrevistas e artigos, mas eles recomendaram que, se ele quisesse receber o Nobel, não deveria mencionar que tinha seguido as indicações dos teosofistas místicos, passo a passo. Estavam decididos a não aceitar interferências, essa nova Inquisição, com



Página do livro Occult Chemistry, com desenhos dos vários tipos de átomos, desde o físico até ao etérico.

suas novas missas erguidas com muros de fogo (a propósito, muitos cientistas mártires do século XX queimaram, senão a carne, o prestígio e as carreiras) sob ¡VADE RETRO Alquimia!

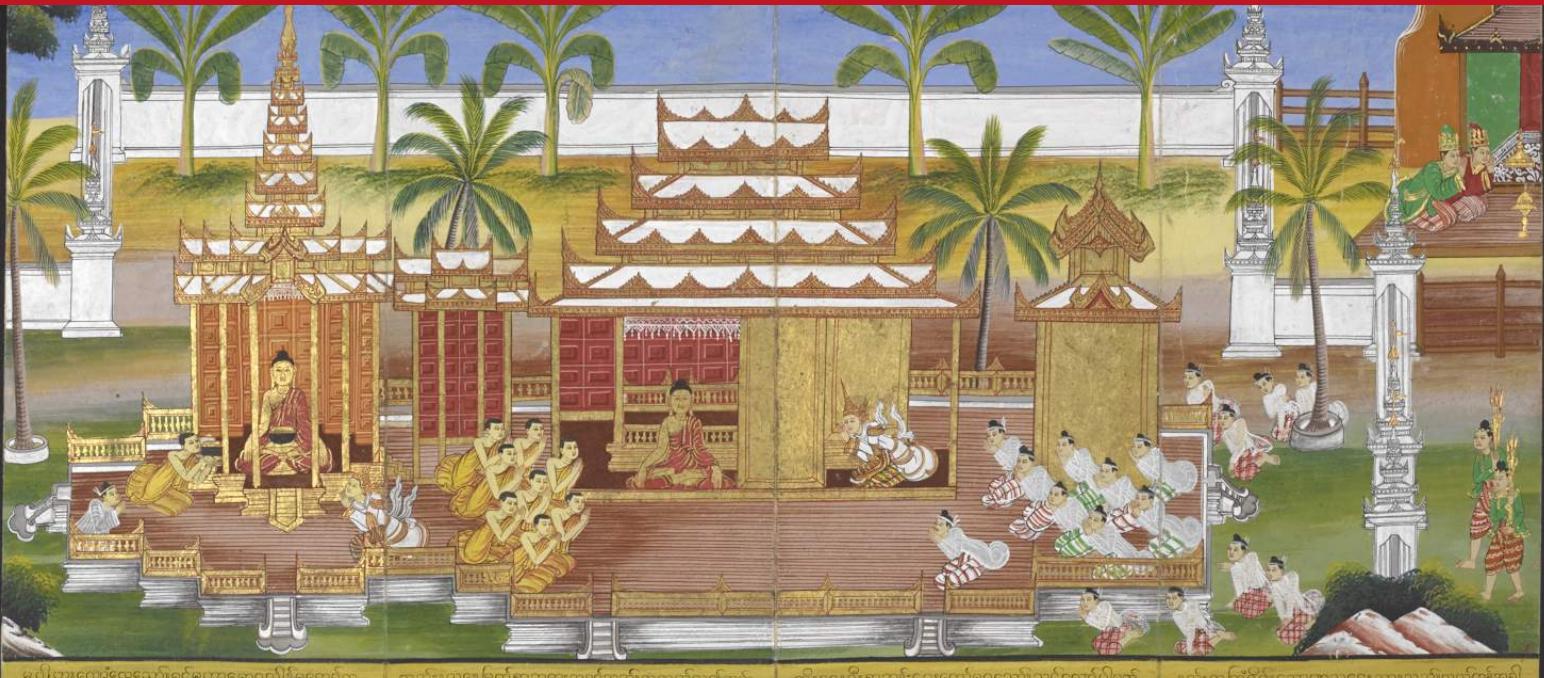
Mas pouco importa, a verdade é como ouro entre os outros metais, é pura, inalterável, permanece idêntica a si mesma enquanto tudo o resto se torna pó.

Nota:

[1] É o artigo “A Velocidade da Luz na Cosmologia Purânica”, que se pode ler aqui:
https://www.researchgate.net/publication/2179548_The_Speed_of_Light_and_Puranic_Cosmology

ANEXO - Tabela de medidas para chegar a um yojana, segundo a wikipédia inglesa

Medidas	Iguais a... (em medidas hindús)	Notas
10 Param Anus	1 Parasúkshma	Param Anu refere-se a “átomo”
10 Parasúkshmas	1 Trasarenu	
10 Trasarenus	1 Mahírajas (partícula de pó)	
10 Mahírajas	1 Bálágra (ponta de um cabelo)	
10 Bálágra	1 Likhsha	
10 Likhsha	1 Yuka	
10 Yukas	1 Yavodara (coração de cevada)	
10 Yavodaras	1 Yava (grão de cevada de tamanho médio)	
10 Yava	1 Angula	1,89 cm ou aprox. 3/4 polgadas – aqui angula não significa 1 polgada mas sim 3/4 de polgada
6 Dedos	1 Pada (a largura dos mesmos)	
2 Padas	1 Vitasti (palmo)	
2 Vitasti	1 Hasta (codo)	
4 Hastas	[1] Dhanu	
1 Danda	2 Nárikás igual a 6 pés (1,8 m)	[1] Paurusa (altura de um homem)
2000 Dhanus	1 Gavyuti (distância à qual se pode ouvir o mugido de uma vaca)	12.000 pés (3,7 km)
4 Gavyutis	1 Yojana	
1 Yojana		9,09 milhasou 14,63 quilómetros



Buda com o Rei Bimbisara. British Library, Or. 14405, ff.28-29.

MAJĀHIMA NIKAYA 58: ABHYARAJAKUMARASUTTA

MAJĀHIMA NIKAYA (COLEÇÃO DE DISCURSOS MÉDIOS) É O SEGUNDO DOS CINCO NIKAYAS, OU COLEÇÕES, DO SUTTA PITAKA.

Ao Príncipe Abhaya

1. **ASSIM EU OUVI.** Numa certa ocasião, o Bem-Aventurado[1] estava perto de Rajagaha[2], no Bambual, no Santuário de Esquilos.
2. Quando o Príncipe Abhaya[3] foi ter com Nighanta Nataputta[4], depois de lhe prestar reverência, sentou-se ao seu lado. Então Nighanta Nataputta disse-lhe:
3. “Vem, Príncipe, refuta a doutrina contemplativa de Gotama e esta admirável notícia a teu respeito espalhar-se-á por grandes distâncias: ‘O Príncipe refutou a doutrina contemplativa de Gotama, que é tão forte e poderosa.’” “Mas como, venerável senhor, poderei eu refutar a sua doutrina?”

“Vem, príncipe, vai ter com o contemplativo Gotama e diz-lhe o seguinte: ‘venerável senhor, poderia o discurso absoluto do Tathagata[5] ser indesejável e desagradável para os outros?’

Se o contemplativo Gotama, ao ser assim questionado, responder: ‘O Tathagata, príncipe, poderá proferir um discurso indesejável e desagradável para os outros’, então dir-lhe-ás: ‘Então, venerável senhor, qual é a diferença entre o senhor e uma pessoa comum? Uma pessoa comum também proferiria um discurso indesejável e desagradável para os outros.’

Mas se o contemplativo Gotama, ao ser assim questionado, responder: ‘O Tathagata, príncipe, não proferiria um discurso indesejável e desagradável para os outros’, então dir-lhe-ás:

‘Então, venerável senhor, que tens a declarar sobre as tuas palavras sobre o Devadatta[6]: “Devadatta está destinado aos estados de privação, Devadatta está destinado ao inferno, Devadatta permanecerá no Inferno por Éones[7], Devadatta é incorrigível?” Devadatta está zangado e descontente com este vosso discurso.’

Quando o contemplativo Gotama for confrontado com estas perguntas que são como um pau de dois bicos, ele não será capaz de responder (cuspir) ou calar (engolir). É como se um espigão de ferro estivesse preso na garganta de um homem, ele também não seria capaz nem de o engolir, nem de o cuspir, ou atirar com ele para fora; por isso, príncipe, também o contemplativo Gotama, quando confrontado com estas questões, que são um pau de dois bicos, por ti, também ele, não será capaz nem de calar (engolir), nem de responder (cuspir)."

4. "Sim, venerável senhor", respondeu o Príncipe Abhaya. Levantou-se do seu lugar, depois de prestar reverência a Nighanta Nataputta, mantendo-o à sua direita, saiu e dirigiu-se ao Bem-Aventurado. Depois de lhe prestar reverência, sentou-se ao seu lado, olhou para o sol e pensou: "Hoje já é muito tarde para refutar a doutrina do Bem-Aventurado. Refutarei a doutrina do Bem-Aventurado, amanhã, na minha própria casa." Então disse ao Bem-Aventurado: "Venerável Senhor, que o Bem-Aventurado, juntamente com outros três, aceite o meu convite para a refeição de amanhã." O Bem-Aventurado consentiu em silêncio.

5. Sabendo que o Bem-Aventurado tinha anuído, levantou-se do seu lugar, depois de lhe prestar reverência, mantendo-o à direita, partiu. Quando a noite acabou e amanheceu, o Bem-Aventurado vestiu-se, pegou na sua tigela e no manto, foi para casa do Príncipe Abhaya e sentou-se no lugar preparado para o efeito. O Príncipe Abhaya, serviu e satisfez, com as suas próprias mãos, o Bem-Aventurado com comida boa e variada. Quando o Bem-Aventurado acabou de comer e largou a sua tigela, o Príncipe Abhaya, tomou um assento mais baixo, sentou-se a seu lado e disse-lhe:

6. "Venerável senhor, seria o Tathagata capaz de um discurso indesejável e desagradável para os outros?"

"Não há uma resposta categórica, de sim ou não, para essa pergunta, Príncipe."

"Então, venerável senhor, neste caso os Niganthas perderam."

"Porque dizes isso, Príncipe: 'Então, venerável senhor, neste caso os Niganthas perderam'?"

O Príncipe Abhaya conta ao Bem-Aventurado toda a conversa que tivera com Nighanta Nataputta.

7. Naquele momento, uma criança estava deitada de bruços no colo do Príncipe Abhaya, então, o Bem-Aventurado disse ao Príncipe Abhaya: "O que é que tu pensas, Príncipe? Se tu ou a tua ama não estivessem a prestar atenção esta criança colocasse um graveto ou uma pedrinha na boca, o que lhe farias?"

"Venerável senhor, eu o tiraria da sua boca. Se não pudesse tirar de uma vez, colocaria a sua cabeça na minha mão esquerda, e com um dedo encurvado (em gancho) da minha mão direita, tiraria mesmo que tivesse que fazer sangue. O porquê disto? Porque tenho compaixão pela criança."

8. "Da mesma forma, Príncipe: no caso de um discurso que o Tathagata sabe que é falso, incorrecto e não benéfico, indesejável para os outros e que também não é bem-vindo: esse discurso o Tathagata não profere. Se dissesse que o discurso do Tathagata é verdadeiro e correto, mas não benéfico, nem bem-vindo e indesejável para os outros: tal discurso o Tathagata também não profere. O discurso que o Tathagata sabe que é verdadeiro, correto e benéfico, mas que não é bem-vindo e que é indesejável para os outros: tal discurso, o Tathagata, sabe quando o proferir. O discurso que o Tathagata sabe que é falso, incorrecto e não é benéfico, mas que é bem-vindo e deseável para os outros: tal discurso, o Tathagata, não profere. O discurso que o Tathagata sabe que é verdadeiro, correto, mas não é benéfico, e é bem-vindo e deseável para os outros: tal discurso, o Tathagata, não profere. O discurso que o Tathagata sabe que é verdadeiro, correto, benéfico, e é bem-vindo e deseável para os outros: tal discurso, o Tathagata sabe quando proferir.

Qual a razão disto? Porque o Tathagata tem compaixão pelos seres."

9. "Venerável senhor, quando sábios guerreiros, sábios Brahmanes⁸, sábios chefes de família e sábios contemplativos, formulam uma pergunta, e depois a colocam ao Bem-Aventurado, já havia na mente do Bem-Aventurado o pensamento: 'Se eles me vierem perguntar isto, eu respondo aquilo'? Ou a resposta ocorre ao Tathagatana altura?"



O sermão do fogo em Varanasi. British Library, Or. 14297, f.36.

10. “Quanto a isso, Príncipe, devo fazer-te uma contra pergunta. Responde como quiser. O que é que tu pensas, Príncipe? Conheces bem as partes de uma carruagem?”

“Sim, venerável senhor, conheço.”

“O que é que tu pensas, Príncipe, quando vão ter contigo e te perguntam: ‘Qual é o nome desta parte da carruagem?’ Já estava na tua mente o pensamento: Se eles me vierem perguntar isto, eu respondo aquilo? Ou a resposta ocorre-te na altura?”

“Venerável senhor, eu sou bastante conhecido como cocheiro e conheço muito bem todas as partes da carruagem. A resposta surgir-me-ia no momento.”

11. “Da mesma forma, Príncipe, quando sábios guerreiros, sábios Brahmanes, sábios chefes de família e sábios contemplativos, formulam uma pergunta, e depois a colocam ao Tathagata, a resposta ocorre ao Tathagata no momento. Porque é que isto acontece?” Porque ‘o elemento da natureza das coisas’⁹ foi completamente absorvido pelo Tathagata, através dessa completa impregnação, ele encontra as respostas no momento.”

12. Quando disse isto, o Príncipe Abhaya disse:

“Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! O Bem-Aventurado tornou o dhamma¹⁰ claro de várias maneiras... A partir de hoje, que o Bem-Aventurado se lembre de mim como o seguidor leigo que foi ter com ele em busca de refúgio para a vida.” ▲

Notas:

1) **BEM-AVENTURADO:** Bhagava; refere-se a Siddhartha Gautama (Siddhatha Gotama), o Buda.

2) **RAJAGAHA:** significa ‘Morada do Rei’, era a capital do Reino de Magadha e é cenário de muitos eventos na vida de Buda. A cidade tinha duas partes, a cidade antiga construída entre as colinas e a nova cidade localizada na planície, um pouco ao norte das colinas. Ambas estavam cercadas por enormes muralhas. Os dois lugares favoritos do Buda são o Bambual e uma baixa colina rochosa chamada Pico dos Abutres, logo depois do portão leste da cidade. Rajagaha actualmente é chamada de Rajgir e fica no moderno estado indiano de Bihar, no norte da Índia.

3) **PRÍNCIPE ABHAYA:** era filho do rei Bimbisara de Magadha, porém não era o herdeiro ao trono.

4) **NIGANTA:** O professor Jainista da mesma época do Buda, é mencionado nos escritos budistas como um dos principais inimigos de Buda.

5) **TATHAGATA:** Em vez do título “Buda”, Siddhartha Gautama às vezes era chamado de “Tathagata”. O título Tathagata é um tanto paradoxal e pode significar alternativamente “Assim vem” ou “Assim se foi”. Numa das poucas declarações místicas que ele proferiu, o Buda disse que o Tathagata é “corpo do Dhamma, corpo supremo, o Dhammaque se torna, o supremo que se torna”.

6) **DEVADATTA:** Devadatta era filho do irmão de Shuddhodana, Suprabuddha, era primo de Buda. O seu nome significa “dado por Deus”. Quando o Buda retornou a Kapilavastu pela primeira vez após a sua iluminação, vários jovens Shakyas, incluindo Devadatta, decidiram tornar-se monges. Por alguns anos, Devadatta provou ser um monge bom e diligente. O Buda nomeou-o, juntamente com outros, como um monge exemplar. Mas as coisas mudaram, Devadatta tornou-se gradualmente orgulhoso. Mais tarde, ele percebeu que o Buda se estava a afastar das práticas ascéticas tradicionais e conseguiu que outros monges concordassem com ele. Confrontando o Buda nesta questão, Devadatta insistiu que ele tornasse várias práticas obrigatórias para todos os monges. As exigências de Devadatta foram recusadas e, assim, ele e os seus apoiantes separaram-se do Buda e dos seus discípulos. A tradição diz-nos que os seus apoiantes acabaram por o abandonar para retornar ao Buda e que mais tarde ele morreu desacreditado e sozinho.

7) **ÉON:** é um termo utilizado para designar “o que é para sempre”, um período longo de tempo ou a eternidade.

8) **BRAHMANES:** Sacerdotes.

9) **ELEMENTO NATUREZA DAS COISAS:** (dhammadhatu) refere-se ao conhecimento omnisciente do Buda. É a “natureza mais profunda, ou essência”.

10) **DHAMMA:** Dharma em Sânsrito, é uma palavra com múltiplos significados. Geralmente é usado para se referir a todo o corpus dos ensinamentos do Buda. Nesse sentido, o Dhamma é o segundo dos três refúgios. Também é usado no sentido de ‘verdade’, ‘actualidade’ ou ‘como as coisas são’. Outro significado comum do dhamma é “justiça” ou “rectidão”.

CURSO



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.

pandava
a ïndia

PANDAVA É UMA REVISTA
INTEIRAMENTE REALIZADA
POR VOLUNTÁRIOS DA
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT